

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

EVASÃO E REPETÊNCIA

POR

CÉLIA MARIA DE LIMA VITÓRIO

Campina Grande – 201.2

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
Setor de Doc. e História Regional
CAMPINA GRANDE - PB



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

EVASÃO E REPETÊNCIA

POR

CÉLIA MARIA DE LIMA VITÓRIO

“O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeito do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas”.

Paulo Freire (p. 78-79)

Campina Grande – 2001.2

EVASÃO E REPETÊNCIA

POR

CÉLIA MARIA DE LIMA

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do Título em
Licenciatura em História.

Sob a orientação do professor Alarcon Agrá do Ó.

Campina Grande – 2001.2

EVASÃO E REPETÊNCIA

POR

CÉLIA MARIA DE LIMA

BANCA EXAMINADORA

Campina Grande – 2001.2

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, meu esposo e filhos, e em especial a minha netinha Beatriz (um ano), que chegou em nossas vidas como um presente de Deus, enchendo nossos corações de alegria.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que iluminou e deu-me forças;

Aos meus pais, que me ensinaram a lutar por alguma coisa;

Ao meu esposo Adalberto Cavalcante Vitório, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis;

Aos meus filhos Geanine, Adalberto Júnior e Geanne, que tiveram paciência e entenderam a minha ausência;

A minha netinha Beatriz, que iluminou a nossa família com a sua presença;

Ao professor e orientador Alarcon Agrá do Ó, que pacientemente orientou minha pesquisa no sentido de tornar mais simples o que para mim era complexo;

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a execução deste trabalho.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
-----------------	----

CAPÍTULO I

Evasão e Repetência: Um Mal Que Tem Cura.....	02
A Educação Igual Para Todos.....	03
A Escola e Sua Função Social.....	04
A Escola Está Preparando os Jovens Para Ingressar no Mercado de Trabalho.....	06
O Sistema Escolar e Sua Atuação.....	08
A Evasão Escolar e o Nível de Renda.....	10
Como Vencer os Fracassos da Atual Política Educacional.....	13

CAPÍTULO II

Relatório.....	16
Planejamento em Ação.....	17
Observação Necessária Para a Realização do Estágio.....	19
A Sala de Aula: Meu Estágio.....	27
Avaliação.....	30
Conclusão.....	32

INTRODUÇÃO

Quando se perguntou qual era o tema a ser trabalhado no meu relatório, não tive dúvida em escolher evasão escolar, que está infinitamente ligada à repetência. Então o tema não seria apenas evasão, mas, evasão e repetência.

Por que escolhi este tema? Porque me preocupa muito o índice elevado de evasão escolar.

Existem muitos jovens nas ruas que deixam de estudar simplesmente porque foram reprovados. Mas será que é tão simples assim? O jovem quando reprovado sente-se excluído e muitos têm vergonha dos colegas de sua turma anterior e preferem abandonar. Sentem-se excluídos do seu grupo social.

Um dia desses encontrei uma aluna na rua e perguntei por que não estava assistindo aula. Ela me respondeu que não adiantava estudar para ser reprovada.

Este é apenas um caso entre tantos.

O que fazer para evitar a repetência e conseqüentemente a evasão, será que o sistema de ensino está preparado para evitar a evasão e acabar com a repetência?

Muito se tem cobrado do professor, colocando a culpa no mesmo do “fracasso” escolar. Mas antes de procurar o culpado é importante encontrar soluções que sejam simples e de acordo com a realidade de cada instituição.

“Alguns estudos como os coordenados por Sergio Costa Ribeiro (1993), vem apontando que a reprovação tem sido geradora de novas repetências. No Brasil, a probabilidade de um aluno repetente ser aprovado é metade de um aluno novato na série. Ribeiro ainda aponta apoiado em dados estatísticos, que o aluno reprovado não abandona precocemente a escola: na realidade ele fica cursando a escola em média 6,4 anos antes de desistir. E a evasão ocorre quando ele se distancia muito da série que seria a sua idade. Vários são os fatores que interferem nesta situação”.

Mas é difícil encontrar o culpado, pois não existe apenas um, mas todo um sistema educacional, com seus baixos salários, a falta de organização, de estrutura física e políticas educacionais como avalia Tereza Rego, professora da Faculdade de Educação Universitária da Universidade de São Paulo.

I – CAPÍTULO

EVASÃO E REPETÊNCIA: UM MAL QUE TEM CURA?

Quando se fala em repetência sempre vem a pergunta: Quem é o culpado?

Mas, como não podemos encontrar um culpado sem fazer uma análise do sistema educacional brasileiro que procura resolver os problemas da sala de aula do Gabinete da Secretaria da Educação.

Segundo Roberta Bencini em um artigo publicado na Revista Nova Escola – O final do ano é um terror para os estudantes, os meses de novembro e dezembro é um pesadelo, quando 7 milhões de brasileiros são reprovados e obrigados a repetir e ver os mesmos assuntos. Esta situação é terrível, e muitos estudantes para não repetir pela 2ª, 3ª, ou 4ª, vez a mesma série, abandonam a escola. (pg.17)

Muito se tem pensado para resolver o problema da repetência, sendo implantado no Brasil o sistema de Ciclos, quando o aluno deve ser avaliado sempre (a tal progressão continuada). Este sistema já foi implantado em muitas escolas do Brasil. Segundo o Censo Escolar, organizado pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais, o Inep. 23% das matrículas no Ensino Fundamental no ano passado (2001) foram feitas em escolas que seguem esse regime.

Este sistema é defendido por muitos educadores, e em algumas escolas do Brasil tem obtido sucesso no combate a repetência. Mas existe também os opositores a este sistema, que alegam que o aluno e o professor ainda não estão preparados para esse sistema, além do que foi uma política imposta de cima para baixo sem levar em conta a opinião dos mais interessados, no caso professores e alunos, como também a escola não possui infra-estrutura para adotar tal sistema.

Este sistema de Ciclos deu muito certo nos países da Europa como Alemanha, França e Inglaterra. No Brasil algumas escolas já implantaram e também deu certo.

Mas quem conhece nossas escolas e vive o seu dia-a-dia, sabe que este sistema de ciclos não é tão fácil quanto parece. É necessário muitos anos de luta e mudanças nas estruturas físicas, econômicas e política do sistema educacional para que dê certo.

Este sistema de Ciclos é muito importante e dar certo, quando o profissional tem compromisso com a educação e trabalho em conjunto com os demais professores das séries seguintes, que darão continuidade ao seu trabalho, na medida que, irar somar as dificuldades anteriores do aluno e fazer o possível para o mesmo acompanhar com igualdade a sua turma.

A EDUCAÇÃO IGUAL PARA TODOS

Infelizmente a educação no Brasil é elitizante, enquanto uma pequena minoria tem acesso as educações, a grande maioria dos brasileiros, são vitimas de um sistema de ensino ultrapassado, cheio de ressentimento por parte dos profissionais maus pagos e revoltados, abrindo mão do seu compromisso como educador.

E como fica a educação no país tendo em vista esse alto índice de evasão, diante desse mundo globalizado que explora os países endividados que concentra maior parte de sua renda para pagar a dívida externa deixando para segundo o setor social que é a educação e a saúde nacional.

Sabendo-se que o conhecimento é essencial para sobreviver à globalização, como ficarão os excluídos do sistema educacional. Apesar da escola falar de igualdade, nós sabemos que na realidade é bem diferente. Mesmo que a escola se um agente socializante ela divide o mundo entre os que sabem e os que não sabem, favorecendo a exclusão na sociedade como um todo, uma vez que saindo da escola o sujeito não terá condições de competir com o mercado de trabalho por não conhecimento técnico exigido no mercado do trabalho.

O próprio sistema educacional leva a dividir a sociedade em grupos distintos – o grupo que sabe e o grupo dos que não sabem – uma vez que a rede pública não oferece um sistema educacional que garanta uma educação de qualidade capacitando o individuo para enfrentar essa sociedade competitiva.

A atual Lei Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, em seu artigo primeiro, afirma que “a educação escolar se desenvolverá, por meio de ensino em instituição própria, e deverá estar vinculada ao mundo do trabalho e pratica social”.

Diante de tal afirmação tem-se a impressão que a escola prepara o indivíduo para o mercado de trabalho e que a escola realmente é o alicerce para se construir uma vida digna. Esse deveria ser objetivo da escola, ou seja, proporcionar as populações de baixa à oportunidade de adquirir um conhecimento que as capacite para ingressar no mercado, diminuindo as desigualdades sociais, quando pessoas humildes teriam a oportunidade de realizar seus sonhos, sendo um sujeito ativo dentro do mercado do trabalho.

Segundo Bourdieu e Passeron, a escola reproduz a ideologia da classe dominante, isto significa que, a transmissão de conhecimentos é utilizada para garantir aos cidadãos da classe privilegiada, o acesso aos benefícios do poder através do sucesso escolar. A seleção que a escola desempenha culmina com o fracasso escolar daqueles que pertencem às camadas populares e garante o sucesso daqueles da classe privilegiada.

Esta classe só veio para reforçar o que foi dito anteriormente, quando o nosso sistema educacional é dividido entre os que sabem e os que não sabem. Para os excluídos do sistema resta a desistência, o fracasso, que culmina no futuro próximo a exclusão social, por não ter capacidade de assumir um emprego digno se submetem aos subempregos, quando não se tornam desempregados, aumentando o índice da desigualdade social, uma que excluídos do sistema educacional não possuem nenhuma qualificação profissional.

QUAL É A FUNÇÃO DA ESCOLA A ESCOLA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

A escola é uma instituição que busca qualificar o cidadão para viver em sociedade de forma digna à medida que o torna capaz de entender o mundo que o rodeia.

Dessa forma Portela e Alta (1996.p.83) afirma:

“A escola é uma instituição do mundo moderno e contemporâneo responsável pela transmissão do assim chamado conhecimento escolar.

É a única instituição responsável pelo ensino de instrumentos responsáveis a sobrevivência do mundo letrado das sociedades

modernas. Isso é válido principalmente para as classes populares, cujo meio de acesso ao conhecimento é a escola”.

Sendo a escola a única forma que as camadas populares têm acesso ao conhecimento e sonha em um dia ter melhores condições de vida à medida que terão acesso a cursos profissionalizantes, não se justificando que nosso sistema educativo não invista de forma consciente na educação proporcionando ao educando uma estrutura de ensino qualificado e mão-de-obra especializada que reverta o quadro da evasão escolar e repetência, quando mais brasileiros terão seu futuro assegurado. Só assim as camadas populares serão capazes de integrar-se ao mundo globalizado de forma consciente e com os pés no chão.

A educação é o único caminho da conscientização para se entender o mundo que nos rodeia e pode situar-se no contexto sócio, econômico e cultural.

E no processo de socialização do indivíduo a escola exerce importante papel.

E assim Jersild (19, p.321) resume a importância da escola na vida do adolescente:

“A escola exerce uma poderosa influência no modelar o conceito que o adolescente tem de si próprio e da pessoa que virá a ser no futuro. Durante os vários anos que já viveu na escola, ele já tem muitas oportunidades para por à prova as suas forças e descobrir as suas capacidades e limites. (...) Por outro lado, a escola é também um lugar em que muitos adolescentes têm oportunidade para aprender o significado de si próprio, ‘porque a escola além de ajudar os jovens a vencer a vida, também oferece inúmeras oportunidades de fracasso”.

A escola socializa o sujeito tornando-o parte de um todo. Mas este círculo pode quebrar-se quando o aluno sente-se excluído do processo, marginalizando-se e fugindo da instituição que o reprova.

Portanto se a escola promove a socialização como explica o alto índice da evasão escolar, como nos mostra Moacir Gadatti (p.40).

Entramos nos anos 90 com índices crescentes de evasão e repetência. Dados do UNICEF/IBGE, divulgados no início de 1990, correspondendo a uma média nacional

ponderada, mostraram que os índices de evasão e repetência cresceram entre 1979 a 1985, respectivamente, 24% e 14%.

Estes dados nos levou a triste conclusão que nosso sistema escolar é um fracasso e não precisa ir longe para perceber isso. Basta olhar ao nosso redor, para sentir e ver o abandono em que vivem nossas escolas, dividindo em vez de unir.

A ESCOLA ESTÁ PREPARANDO OS JOVENS PARA INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO?

Quando colocamos nossos filhos na escola estamos pensando no seu futuro. E por que a escola estar intimamente ligada com o futuro? Porque se a criança não tiver uma boa educação, infelizmente ficará à margem da sociedade. E isto acontece porque é nas escolas que o indivíduo terá oportunidade de qualificar-se em uma profissão que significa seu futuro como cidadão.

Neste mundo globalizado, o mercado de trabalho passou a exigir maior qualificação da mão-de-obra para atender a demanda crescente do mercado, acirrando a concorrência em que vence o que é melhor.

Então vem a minha preocupação: A escola estar preparando seus jovens para vencer a competitividade do mundo ou é uma escola vazia administrada por profissionais insatisfeitos, mal pagos, que do mesmo feito dos alunos, são vítimas de um sistema fracassado que não oferece nenhuma qualidade, nem segurança para se almejar objetivos propostos ao longo de suas vidas?

Quando um estudante da rede pública presta vestibular, dificilmente será aprovado, porque a classe média e alta que estuda em escolas privadas recebem uma educação diferenciada da rede pública e preparada para passar no vestibular, provando que a sociedade promove instituição diferenciada, favorecendo a elite e excluindo a população carente.

Como a sociedade de baixa renda poderá competir com igualdade se recebe uma educação diferenciada.

Quando o papel do governo seria promover uma escola igual que pudesse competir com as escolas privadas. Assim o próprio estado promove a exclusão da população de baixa renda que não terá oportunidade de receber uma educação profissionalizante que lhe garanta um lugar no mercado de trabalho.

A influência da escola pública promove a exclusão social do indivíduo que terá que contentar com os subempregos. A divisão social aumenta, e a escola não cumpre seu papel que é promover o cidadão. A escola pública é desacreditada pela sociedade, que via na mesma a única saída para competir com igualdade e superar a miséria em que vivem.

Na revista Nova Escola, Sara Pain, (p.24) novembro de 2001 diz:

“(...) O discurso da escola é sempre bom, positivo. A imagem que ela passa para os adolescentes é de um mundo bom, o mundo do conhecimento. Só que eles não chegam lá. E explodem. Por quê? Porque o aluno se dá conta da mentira. O discurso é lindo, mas é cruel. “Vai meu filho, estuda. É bom. No futuro ganharás um emprego de garçom”. Que ambição essas crianças podem ter? Em muitos lugares, os alunos pobres só ganham espaço para algumas manifestações culturais, como dançar ou fazer músicas. E muitos se dão conta de que toda a sociedade – a escola incluída – é uma enorme hipocrisia... Eles têm a oportunidade de não se evadir, mas ficar significa ter um trabalho subalterno, sem nenhuma valorização” (p.24)

Os alunos sentem-se perdidos neste mundo globalizado, elitista, que favorece a exclusão da população de baixa renda. Quando conseguem terminar o 2º grau são barrados no vestibular, perdendo-se no meio do caminho, não completando sua educação, que o deixa à margem da sociedade, e o educando não tem condições de competir com o mercado de trabalho provando que a escola, além de não preparar para o mercado do trabalho, promove a discriminação. O estado precisa criar condições e adotar novas políticas de educação que promova “UMA SÓ ESCOLA PARA TODOS”, só assim pessoas de diferentes classes sociais terão mesmas oportunidades para ingressar no mercado de trabalho, diminuindo no futuro as diferenças sociais.

O SISTEMA ESCOLAR E SUA ATUAÇÃO, A FAVOR OU CONTRA A EVASÃO.

Segundo pesquisas realizadas pela revista Nova Escola ON-LINE (p.17. novembro):

Os próprios professores reconhecem que o sistema escolar é o principal responsável pelo fracasso dos estudantes. “Todos reconhecem as dificuldades do processo como um todo, os baixos salários, a falta de organização, de estrutura física e a de políticas educacionais”. Ficando em segundo lugar os professores como responsáveis pelo fracasso escolar.

Muitos profissionais da educação estão reconhecendo que são a “peça chave” no processo educativo e que depende deles a integração siciocultural do indivíduo como um todo. Integrar o cidadão é fazer que ele entenda o mundo em que vive, sua realidade local e global e ser capaz de interagir dentro do contexto em que estar inserido.

Segundo Paulo Freire, “Ser cidadão é estar no mundo e com o mundo”.

Veja o gráfico: Nova Escola/nov./2000/ (p.17):

Quem é o responsável pelo fracasso escolar segundo Nova Escola ON-LINE!

1º lugar:

O sistema escolar

2º lugar:

O professor

3º lugar:

O aluno

4º lugar:

A família

Segundo a pesquisa da Nova Escola, o sistema educativo é o principal responsável pelo fracasso escolar que é forçado pela repetência e a evasão.

Tudo isso acontece devido à política educacional que é imposta de cima para baixo sem se importar com a realidade do processo educativo.

E como diz o texto *A Invenção da Escola a Cada Dia* (Nilda Alves e Regina Leite) (p.10)

“Não se faz política nos Gabinetes do MEC ou nas secretarias de Educação”

É o professor quem sabe o que está acontecendo, quais os principais problemas do sistema e como atingi-los. Mas precisam serem ouvidos e acreditados e acima de tudo valorizados como profissionais que são e se preocupam com o desempenho de cada indivíduo que está em suas mãos, porque não se pode negar que o professor é um agente transformador e também um ser humano que tem defeitos como qualquer outro, mas que não é reconhecido como qualquer outro profissional.

Mas voltando ao texto de Nilda Alves e Regina Leite (p.12) é interessante observar esta passagem:

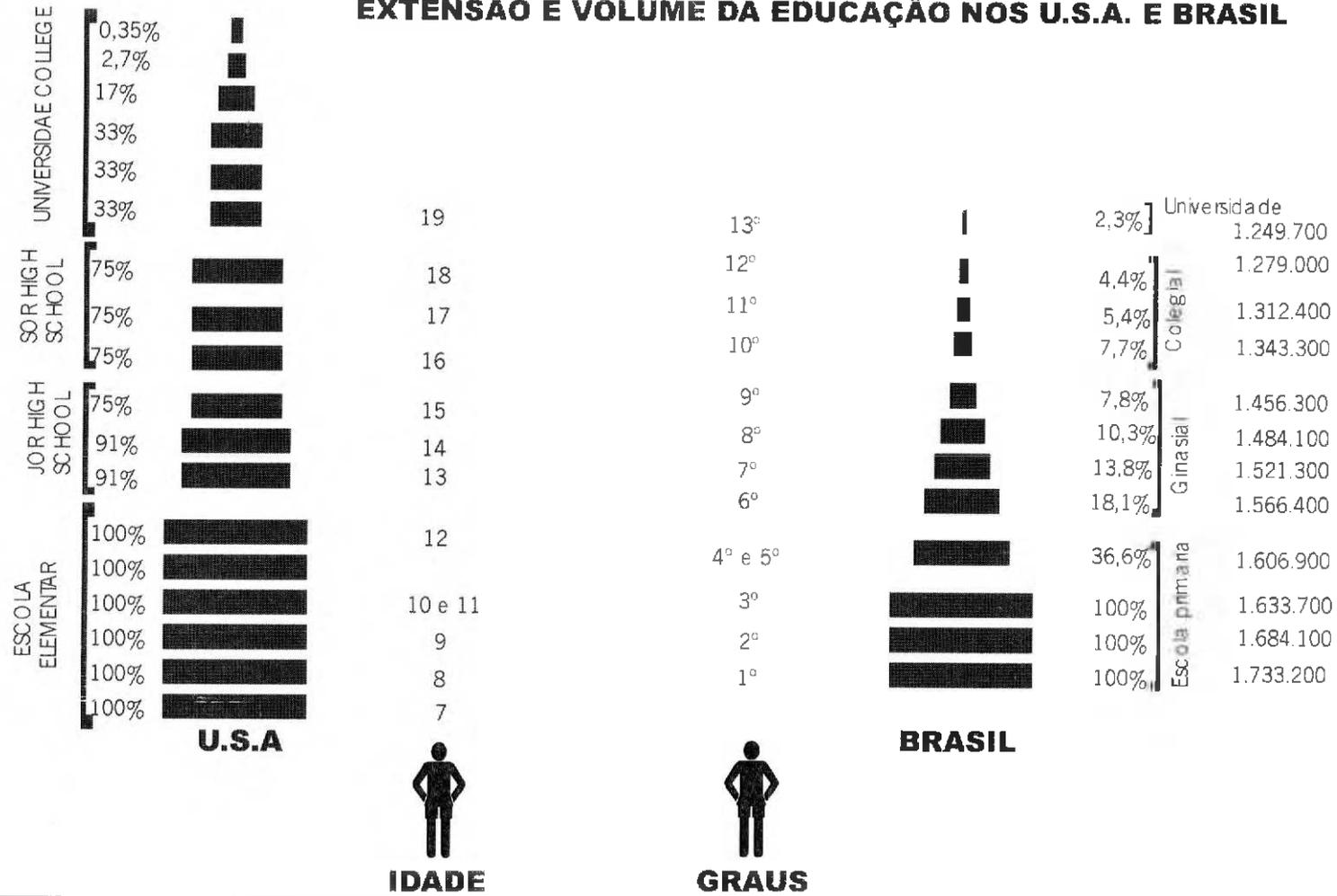
“(...) o projeto é brilhante e não deu certo porque as professoras não foram capazes de implementá-los”.

Tudo isso é questão de autoritarismo, você manda e eu obedeco sem questionar e todos ficam satisfeitos. Mas a realidade é bastante diferente e não tem ninguém satisfeito. Os alunos são reprovados, os professores desestimulados a cumprir seu papel, gera o fracasso escolar. Programas são criados para atualizar os professores e torná-los competentes para exercer o magistério.

Mas não se vê em nenhum momento uma palavra de apoio ao professor ou uma política governamental no sentido de melhorar os salários defasados, tão insignificantes, que a categoria tem que trabalhar praticamente 24 horas por dia, para atender suas necessidades e de sua família.

E o que se pode dizer dos prestadores de serviço que são explorados e vivem em pânico devido sua frágil situação, quando a qualquer momento pode ficar desempregado, sem nem mesmo um aviso prévio.

EXTENSÃO E VOLUME DA EDUCAÇÃO NOS U.S.A. E BRASIL



Toda essa situação gera revolta, que infelizmente é refletida no educando que não tem culpa de nada, é também uma vítima desse sistema educacional que visa unicamente atender as exigências do mundo globalizado que espalha o desemprego, a insegurança e a falta de respeito pelo cidadão e suas inspirações.

Moacir Gadotti (p. 24 – 25)

“Nos Estados Unidos 33% dos que iniciavam a escola elementar ingressava na universidade, no Brasil apenas 2,3% chegavam a ela. O afunilamento se dava, a partir do ensino chamado na época ginásial (hoje, 5ª a 8ª série do I grau), no qual ingressavam apenas 18,1% dos que iniciavam a formação básica”.

Estes dados só vêm a confirmar que a escola é atualmente elitizante e promove a exclusão da população de baixa renda.

Veja os gráficos (Moacir Gadotti. (p.15)).

A EVASÃO ESCOLAR E O NÍVEL DE RENDA – A ESCOLA PÚBLICA E A PRIVADA.

Atualmente é crescente o número de incentivos que o governo vem promovendo para manter o aluno de baixa renda na escola, alegando tais programas que a falta de recursos afasta as crianças das salas de aula, pois precisam trabalhar para ter o pão de cada dia e isto provoca a evasão escolar e com o cartão na mão, as mães podem sacar 15 reais por mês e obrigar seus filhos a freqüentar a escola, pois caso contrário perde a bolsa escola.

Temos também o PETI – programa que garante uma renda mínima para a criança que trabalha.

Sem falar que as mães que recebem a bolsa escola serão obrigadas também freqüentar a escola caso não sejam alfabetizadas, esta é uma condição imposta para permanecer no programa Bolsa Escola.

E assim o governo visa manipular as pessoas impondo seus programas que visam atingir os pais dos alunos, que na sua “ignorância” acreditam que este é o melhor caminho.

Mas na verdade o sistema educacional não sofre nenhuma modificação no sentido de melhorar o ensino e valorizar o professor que é a “peça chave” no processo educacional como um todo. Esses programas são passageiros e eleitorais e não resolvem o problema da miséria e tão pouco da educação. A escola pública brasileira é uma instituição falida não possui infraestrutura adequada que viabilize uma educação de qualidade que promova o educando no sentido que possa garantir o seu futuro. O que o governo pretende é controlar a população atingindo-a no seu ponto fraco que é a baixa renda. E assim nossos políticos vêm se sustentando no poder às custas da ignorância da maioria da população, explorando a miséria. O exemplo mais concreto é a “indústria da seca”, no Nordeste.

E assim recebendo baixos salários os professores da rede pública não têm estímulos para planejar uma boa aula e não se preocupa se o aluno esta ou não aprendendo, não preparam o educando para entender as transformações econômicas e sociais na qual esta inserido.

Enquanto que as escolas privadas oferecem dos seus alunos profissionais comprometidos com o rendimento escolar de seus alunos, investem na infra e superestrutura da escola, e além de tudo isso, os pais que pagam seus salários cobram da escola uma boa educação.

Mas como argumenta Moacir Gadotti (p.61)

“A escola pública é a possibilidade de se instrumentalizar a luta contra a discriminação e a miséria”.

Portanto, é combatendo a evasão e a repetência que iremos garantir uma sociedade mais justa e diminuir as disparidades sociais.

A educação transforma o cidadão que terá condições de lutar contra os efeitos da globalização que é marcada principalmente pelo desemprego, ao mesmo tempo em que exige do cidadão mais capacidade profissional para competir com o mercado de trabalho.

A sociedade tem que se conscientizar de que o fracasso escolar é de responsabilidade não só do Estado, mas também da sociedade que se cala diante desta situação de descaso com a educação pública.

E como diz Nilda Alves e Regina Leite Garcia (p.168)

“Há que se reparar os vínculos coletivos, a solidariedade, o respeito ao outro, a capacidade de se indagar e se conformar com as injustiças sociais. Há que se construir uma nova concepção multicultural de conhecimentos e direitos humanos”.

Não é a bolsa escola que vai diminuir a evasão e a repetência, mas um programa educativo que atinja os problemas como um todo, sem camuflar ou mascarar a realidade, mas encontra um caminho digno que ofereça uma escola pública de respeito, que conquiste a credibilidade da sociedade na construção de um mundo melhor, que dê oportunidade igual para todos, ou seja, as pessoas de baixa renda também tenham direito a uma escola de qualidade, que ofereça as mesmas oportunidades para todos independente da classe social que ocupa.

Como diz Nilda Alves e Regina Leite Garcia (p.168)

“(…) é construir uma escola que ao contrário de excludente, seja incluyente, espaço democrático de socialização do saber historicamente produzido e direito de todos”.

As estatísticas nos mostram infelizmente, que o índice de evasão só tem aumentado, o que demonstra a falência do sistema educacional dentro de uma conjuntura historicamente transformadora que promove unicamente a elite. Os programas do governo para aumentar a renda per capita e trazer o aluno para sala de aula não estão resolvendo, pois falta uma política séria na construção de escola digna que atende a toda população e valorize os professores, restituindo-lhe o prestígio, para que sintam orgulho e não vergonha de ser o que é. É um trabalho conjunto entre professores, a escola e a família, que juntos estudarão a melhor política de educação, contando com o apoio financeiro do governo.

O nível de renda não deve ser o empecilho para se produzir uma educação de qualidade, mas um desafio a ser enfrentado, quando sabemos que 1/3 da população é analfabeta, o que gera uma divisão entre os que sabem e os não sabem, os que detêm o poder e os que são excluídos. Não devemos cruzar os braços, mas lutar contra essa situação, fazendo nosso papel com responsabilidade, assumindo nossos compromissos como educadores, sendo agentes transformadores da sociedade, no sentido de proporcionar ao educando uma visão crítica do mundo que o rodeia, onde possa pensar, criticar concordar ou discordar dos fatos de acordo com a sua consciência.

E como diz o texto de Regina Leite Garcia, (p.147) que expressa o pensamento de Gabriel – o pensador:

“Ele quer que a escola alimente a sua curiosidade e lhe ofereça oportunidade de pensar. Com tantos estímulos fora da escola, ele cobra da escola tornar-se interessante, respondendo aos seus interesses e necessidades de jovem que deseja compreender e interferir no mundo em que vive (...) Ele quer se tornar sujeito de sua própria aprendizagem, embora, segundo ele. Por isso ele cobra que as crianças sejam levadas a sério, que a educação não seja tratada como um negócio, pois na escola quem deve lucrar são os alunos, hoje os mais prejudicados”.

COMO VENCER OS FRACASSOS DA ATUAL POLÍTICA EDUCACIONAL

Neste texto não poderia deixar de citar Moacyr de Góes (p.120)

“A escola é mais escola quando é mais povo; e a escola é menos escola quando sobre ela pesam os acordos MEC/USAID, os alienados PH.Ds., os transportadores dos chichês educacionais, a política educacional promovida à porta de gabinetes centralizadores e fechados onde se reúnem os procônsules, os conselheiros e os executivos, e de onde brota a legislação absurda que assola o país”.

No ano passado, 2001, o Ministro da Educação lança a proposta de trazer a família para a escola, através da companhia “Família na Escola”, como um dos caminhos para melhorar o sistema educacional, quando teria a participação dos pais na educação dos seus filhos.

Esta política não funcionou porque estava mais voltada para a cobrança e não para a participação dos pais na comunidade escolar. Falta engajamento, no sentido de integrar escola, professor, alunos e pais. Isto ocorreu porque foi uma política imposta de cima para baixo, quando deveria ter surgido de dentro da escola. Os pais nem sabem como a escola funciona e detestam as reuniões que são cheias de reclamações tipo: Seu filho não estuda, seu filho é mal comportado e assim por diante.

A participação da família na escola teria que ser feita de forma consciente, espontânea visando interesse comum que seria o crescimento da escola no sentido de promover uma educação de qualidade para o aluno, tornando-o capaz de interagir de forma consciente neste mundo em que vive e atua.

A política educacional deve ser fruto da realidade de cada escola e não imposta pelo governo. Daí a importância do posicionamento crítico de cada participante do processo em andamento. Com a participação ativa do governo, no sentido que viabilize as verbas necessárias para colocar o projeto em prática.

Não quero dizer com isso que vamos ser contrario ao currículo nacional, ou qualquer outra política, mas que seja adaptada de acordo com a nossa realidade de maneira consciente. Mas para isso tem que haver união, participação de diretores, professores e a comunidade.

Mas com essa política de desvalorização do magistério o governo estar conseguindo plantar a revolta dos professores, que se sentem descompromissados com a educação, tendo em vista os baixos salários.

A desordem econômica esfacela a educação e leva ao caos total, à medida que avança a evasão e repetência de alunos que são vítimas do sistema educacional falido que impõe políticas que não são claramente discutidas por serem impostas. Transplantadas de outras realidades.

Para se vencer o fracasso do sistema educacional no Brasil é preciso desenvolver políticas que viabilize a comunicação entre professor e aluno para entender o mundo que o

cerca, promovendo o debate, a crítica e a construção de seu conhecimento a partir de suas próprias experiências e aperfeiçoar os conhecimentos no sentido que faça o educando pensar e questionar o mundo em que vive e não apenas decorar, como diz Gabriel no texto de Regina Leite Garcia: O papel da escola seria integrar o aluno no seu ambiente, vencendo suas inseguranças, deficiências, abrindo um leque para identificar as dificuldades de cada aluno, no sentido de promover a inclusão e não a exclusão do aluno. De acordo com a realidade específica de cada sujeito, promove programas possíveis e reais que possam ser aplicados e traga resultados positivos.

Não é o MEC que conhece a individualidade de seus alunos, seus limites e carências. Daí a importância do estudo de um programa educacional como propôs Moacyr de Góes, fruto do debate de profissionais inseridos dentro da instituição de ensino que sabem quais são seus pontos fracos e juntos tentam encontrar uma solução.

Quando falo da escola como agente conscientizador no processo de interação do aluno com a sociedade, não quero de maneira alguma extrair do governo sua responsabilidade no sentido de proporcionar uma escola digna a todos os indivíduos.

E como diz Moacyr Gadotti, (p.176 – 177):

“Uma escola pública autônoma tem maiores chances de garantir a qualidade de ensino do que uma escola obediente, submissa e burocratizada. A escola pública estadual, como ocorre hoje, é realmente de má qualidade e extremamente burocratizada. É preciso ampliar as possibilidades dela própria elabora seus planos, seu projeto pedagógico”.

Autonomia não significa abandono. Significa o Estado possibilitar os recursos materiais e humano para que a escola possa realmente fazer a escolha democrática e não optar pela miséria. Escola popular não significa escola pobre e abandonada

Portanto a política educacional deve ser voltada para atender as necessidades da população e não da elite governamental.

II – CAPÍTULO

RELATÓRIO: SOBRE OBSERVAÇÃO E ESTÁGIO

Este relatório tem como objetivo relatar minhas experiências sobre a observação e o estágio realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho.

Para realizar este trabalho contei com o apoio teórico dos textos de Ana Maria Monteiro, Regina Leite Garcia, Sandra Mara Corazza, Nilda Alves e as discussões realizadas nas aulas de Patrícia de Ensino administrada pelo professor Alarcon. Estes textos mim deram o apoio que precisava para realizar este relatório, que teve como objetivo o cotidiano escolar da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho.

Tendo através deste relatório demonstrar algumas dificuldades enfrentadas por este estabelecimento de ensino, que como tantos outros, sofrem com o descaso de uma política educacional que atenda as necessidades de alunos e professores e também do corpo administrativo.

SOBRE A ESCOLA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio localiza-se na Avenida Cavalcante de Moras, s/n no Município de Remígio.

Até o ano de 2000, era a única escola do município que oferecia aos remigenses a 2ª fase do ensino fundamental, ou seja, da 5ª a 8ª série.

Atualmente é a única escola da cidade que oferece o Ensino Médio, com um total de 1.322 alunos matriculados da 5ª série até o 3º ano do segundo grau.

Quanto à estrutura física estar assim distribuída: dez (10) salas de aula; uma (1) sala de professores; uma (1) biblioteca; uma (1) sala de vídeo; uma (1) quadra de esporte; uma

(1) cozinha; uma (1) cantina; dez (10) sanitários; uma (1) diretoria; um (1) depósito de merenda; uma (1) secretaria.

Recursos humanos: quarenta e quatro (44) professores; três (3) porteiros; uma (1) supervisora; uma (1) secretaria; três (3) sub-secretarias; uma (1) diretora; duas (2) vice-diretoras.

No ano letivo de 2001, havia matriculado nesta escola 1.443 alunos, sendo que desse total foram reprovados da 5ª a 8ª série 346 alunos e 260 desistiram.

No ensino médio tem-se o seguinte quadro: 52 alunos reprovados e 75 desistentes.

Portanto a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho apresenta um total de 50,7% de alunos que perderam o ano letivo, ou porque desistiram ou porque foram reprovados.

Este número elevado de reprovados e desistentes nem levaram a conhecer mais de perto os problemas enfrentados por este estabelecimento, que é o retrato da educação do país, que mostra o descaso da política educacional a nível estadual.

Este trabalho não pretende mostrar culpados, mas acima de tudo mostrar nossa realidade escolar. Se bem que o governo tenta através dos meios de comunicação, (como por exemplo, o jornal do MEC, que é distribuído nas escolas), repassar a idéia da escola perfeita, que só não é possível porque os professores fracassam ao aplicar seus "projetos perfeitos". E na realidade nós sabemos que não é assim, falta recursos em todos os setores da educação, e a política educacional além de ser imposta é totalmente fora da realidade.

PLANEJAMENTO EM AÇÃO

Toda ação requer um planejamento que implica na formulação de objetivos a atingir, e no ensino não poderia ser diferente, pois trabalhamos com seres humanos que vivem em constante transformações interagindo entre si na troca de conhecimentos.

O professor em sua sala de aula tem grandes responsabilidades e não poderia de forma alguma expor uma aula sem antes ter planejado e estabelecido objetivos que espera alcançar de seus alunos. É uma questão de consciência, e acima de tudo compromisso com a educação que visa formar sujeitos conscientes, críticos e capazes de sobreviver neste

mundo capitalista, consumista, que confunde os verdadeiros valores, em favor do mundo empresarial hegemônico, que transforma o indivíduo através dos meios de comunicação, em seres sem vontade própria, obedecendo a reclames comerciais, ignorando valores éticos na ânsia de se satisfazer com bens materiais. As pessoas ficam sem vontade, sem personalidade, copiando ou incorporando o apelo da mídia.

Por tudo isso é muito importante planejar, para construir um sujeito capaz de refletir sobre o que está certo ou errado, o que é necessário e o que é imposto.

Todo professor critica o sistema educacional que é imposto de cima para baixo sem se importar com a realidade local.

Por isso é necessário a etapa de observação para que o aluno estagiário conheça a realidade da escola que vai estagiar e assim realizar seu planejamento de acordo com as condições reais da escola.

E como diz Sandra Mara Corazza (p.121)

“Então como ir a escola (significada como território de luta por sentidos e identidades) e exercer uma pedagogia (entendido como uma forma de política cultural), sem planejar nossas ações? Ora agir assim demonstra que, no mínimo, não levamos muito a sério as responsabilidades pedagógicas e políticas do nosso trabalho”.

Portanto não vamos só criticar, mas construir também algo novo para o processo ensino-aprendizagem, que só é possível através de planejamento didático que dará oportunidade ao professor para selecionar dos mesmos no sentido de construir um sujeito pensante diante das informações recebidas.

Não podemos nos esquecer que a escola é um agente transformador da sociedade e que ao mesmo tempo em que socializa pode excluir o indivíduo, tudo vai depender da maneira como o ensino está sendo administrado, proporcionando uma aprendizagem transformadora e acessível a todos.

Planejar, estudar, pesquisar, é o único caminho para se construir “uma escola para todos” independente do nível social, mas que acima de tudo promova a inclusão tanto na escola como na sociedade.

Como diz Regina Leite Garcia, (p.167)

“Um terço da população brasileira é constituída de analfabetos. Homens e mulheres trabalhadoras que jamais teriam a oportunidade de estudar, seja porque não tiveram acesso a escola seja porque entram na escola, nela foram discriminados e, ao final de alguns anos, dela foram excluídos. Ao saírem da escola entram na estatística dos “evadidos”, quando na verdade, além de excluídos fisicamente da escola, foram também excluídos simbolicamente, pois, não tendo sequer aprendido a ler e escrever, foram impedidos de ter acesso ao conhecimento que a escola promete socializar, mas que não cumpre a promessa para todos”.

É de grande importância o planejamento para se realizar uma atividade docente de qualidade e com os “pés no chão”, diante da realidade social em que está inserido cada estabelecimento de ensino.

OBSERVAÇÃO NECESSÁRIA PARA A REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO

Ana Maria Monteiro (p.142), texto: A prática de ensino e a produção de saberes na escola.

“- A observação volta para acompanhamento de turmas durante períodos de tempos longos, de forma que o licenciado possa perceber a ação dos professores e alunos no processo de ensino/aprendizagem e não apenas uma outra aula. A observação possibilita, também, que os licenciados procurem compreender o contexto da escola onde estão atuando, identificando as propostas dos diferentes professores e disciplinas, as características da cultura da escola, as formas de organização das relações de poder ali vivenciadas, enfim seu projeto

político-pedagógico. É nesses momentos que eles têm as primeiras oportunidades para compartilhar os saberes da experiência dos professores das turmas e dos professores de Prática de Ensino, em troca muito ricas para todos”.

O texto acima citado nos fala da importância da observação, no sentido de proporcionar uma visão do cotidiano da escola, suas características físicas e sociais, suas propostas de ensino, enfim, a observação vai nos proporcionar um retrato real da escola. Outro ponto bem enfatizado foi com relação ao período da observação, teria de ser tempo para se obter às informações necessárias.

Mas como foi discutido nas aulas de Prática de Ensino, do professor e orientador Alarcon, o tempo dedicado ao estágio é muito curto, não sendo suficiente para realizar a observação e o estágio de maneira satisfatória, nos deixando apenas uma visão superficial do cotidiano da escola.

E na formação do licenciado é fundamental a prática que deve ser alicerçada com a teoria.

Através da teoria teremos condições de analisar criticamente situações, nos colocar no contexto escolar e perceber que vários fatos interligados produzem determinado comportamento. Um fato isolado não é suficiente para se ter uma visão do processo do cotidiano, daí a importância da teoria que proporciona ao estagiário uma visão dos acontecimentos de forma mais científica, elaborada e consciente da realidade em que está inserida determinada situação do cotidiano.

A observação é muito importante porque nos proporciona a oportunidade de analisar situações do cotidiano escolar, antes despercebidas porque não estávamos preparados teoricamente para entender o contexto escolar que é interligado por diversas redes com características próprias, dando suas contribuições na construção do conhecimento.

A observação é um campo rico de experiências porque ao mesmo tempo que nos ensina vivenciando práticas pedagógicas válidas, nos dá a oportunidade de refletir sobre determinadas situações que não trouxeram nenhuma contribuição ao processo de ensino.

E como diz Ana Maria Monteiro (p.143)

“Não existe “aulas perfcitas”. Mas deve-se buscar realizar o melhor possível e, o que é muito importante, aproveitar para desenvolver as possibilidades criadas para reflexão sobre a ação”.

Os erros dos outros, como nossos próprios erros, são validos porque nos proporciona um momento de reflexão e aprendizagem que nos permite analisar as conseqüências no processo de ensino e assim podemos aperfeiçoar nossas praticas pedagógicas da melhor forma possível.

Após ter falado da importância do planejamento e do processo de observação como praticas pedagógicas enriquecedoras para a realização do estágio, vou relatar a minha experiência como observadora e estagiaria na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Bronzeado Sobrinho. Durante as aulas das Disciplinas de Pratica de Ensino, administradas pelo professor Alarcon Agra do Ó, tivemos a oportunidade de realizar algumas atividades de observação do cotidiano da UFPB. Apesar de conhecer o ambiente da UFPB, mas nos aparece como novo quando estamos observando, ficamos como expectadores que assiste uma peça teatral e nada podemos fazer para interferir no processo e tudo se desenrola diante dos nossos olhos revelando situações antes passadas desapercibidas.

Mas voltando a E.E.E.F.M. José Bronzeado Sobrinho eu gostaria de falar de sua estrutura fisica.

Quando cheguei ao colégio, acima citado, tive a sensação de abandono. O pátio, a única área ao ar livre da escola é muito mal cuidada, não oferecendo nenhum atrativo como: uma grama, bancos, para o aluno relaxar na sua hora de lazer.

Ultrapassando o primeiro portão que dá para o pátio, vem o segundo é quando entramos no prédio propriamente dito. No rool da entrada existem bancos paralelos onde os alunos ficam em tremenda algazarra durante os intervalos das aulas. O corredor principal não tem luminosidade, parece que estamos entrando num túnel e apesar do colégio ser pequeno a agitação é grande.

Quando cheguei avistei a diretora que tentava controlar os alunos que insistiam em passear pelos corredores, apesar da sirene já ter tocado.

E por falar em sirene, esta é ensurdecadora, dá a impressão de que esta havendo uma tragédia.

Mim dirigi a diretora, que estava bastante agitada, e pedi sua autorização para estagiar neste estabelecimento. A mesma não deu muita importância a minha presença, pelo menos aparentemente, apenas mandou-me procurar a professora de História, que é Maria do Carmo Souto.

Os alunos estão agitados, preferem ficar nos corredores, pois estão com aula vaga. Como o colégio é pequeno e os corredores estreitos, este vai e vem dos alunos, suas conversas, perturba bastante as outras salas que estão em aula.

O que achei “interessante” foi que nenhum professor que estava em sala de aula, se deu o trabalho de sair de sua sala e pedir silêncio. Aquele barulho era como se fosse normal.

Cheguei a conclusão, sem querer julgar, que estes professores não tinham nenhum compromisso com a escola, era como se não fosse da conta deles a indisciplina do colégio do qual faz parte. É uma grande insensibilidade com relação ao seu ambiente de trabalho.

Ai é que volto ao rap de Gabriel, o pensador, bem colocado por Regina Leite Garcia (p.146)

“Estou aqui pra que?”

“Par que serve a escola?”

“O problema é que sem motivação a gente enjoa”.

Como os alunos desta escola vão sentir alguma motivação para pensar, quando os próprios educadores estão passivos diante dos acontecimentos ao seu redor assumindo o papel de locutor que transmite as notícias e não sabe o impacto que irão causar?

Fiquei alguns minutos conversando com um dos estudantes sobre aquela situação e ele achava normal.

A falta da disciplina, nos intervalos das aulas, é um dos problemas mais sérios que a escola enfrenta e a diretora, é totalmente responsabilizada por aquela situação, como se a mesma fosse a única educadora da escola.

No dia seguinte, quando voltei a escola havia um funcionário tentando colocar ordem no ambiente. Os próprios alunos tinham estranhado aquela situação, pois até o momento não havia nenhuma preocupação com a disciplina.

Neste ambiente falta a cobrança, o interesse para que o aluno se desenvolva e assuma suas responsabilidades como estudante que é assistir aula e cumprir suas tarefas escolares.

Através do relato de alguns estudantes fiquei sabendo que um dos professores, antes de dar bom dia, boa tarde aos seus alunos diz: Quem não quiser assistir minha aula, saia!

Ou frases como: Os alunos fingem que aprendem e nós fingimos que ensinamos, pois não ganhamos o suficiente.

Esta é a nossa realidade escolar. Se os professores estão desestimulados para administrar suas aulas, como também estão os alunos, que muitas vezes não sabem o que estão fazendo na sala de aula.

E como diz Ana Maria Monteiro (p.130) No texto: A pratica de ensino e a produção de saberes na escola.

“Os problemas enfrentados atualmente pelas sociedades contemporâneas, repletas de contradições, tem revelado a insuficiência desse modelo para dar conta da educação das novas gerações. Nesse contexto, a ação dos professores tem sido alvo de perplexidades e de questionamentos fazendo com que a sua formação seja objeto não apenas de reformulação, mas de um verdadeiro processo de reconceituação”.

Diante de tais situações, que foram acima citadas, nos vem a indagação: De quem é a culpa do fracasso escolar? Para responder esta pergunta é necessário analisar todo o sistema educacional, para se concluir que o fracasso escolar estar intimamente ligado a política educacional imposta pela elite que além da escassez de recursos que a educação enfrenta, falta uma política voltada para atender determinadas realidades. Pois precisamos de uma educação de qualidade que possibilite a integração do aluno na sociedade. É isso que o aluno espera da escola, que o prepare para a vida e que no futuro sejam cidadãos

dignos e com capacidade para desenvolver-se, usufruindo de todos os direitos e cumprindo seus deveres com dignidade.

Mas com relação à observação, esta foi muito gratificante na turma da 8ª série. Seu comportamento em sala de aula foi ótimo, mas ao mesmo tempo preocupante, pois no desenrolar da aula, eles ficaram passivos diante das informações participando apenas quando a professora perguntava alguma coisa.

A sala é bem arejada e iluminada, oferecendo um ambiente agradável. A faixa etária é bastante homogeneia, variando entre quatorze e dezesseis anos de idade. Por ter uma faixa etária bastante homogeneia, nesta sala não há evasão, e a repetência é mínima, em torno de um ou dois alunos, e parecem bastante integrados em seu ambiente. Quanto a disciplina na sala de aula se destacaram apenas três ou quatro que apresentam problemas para se harmonizar com a turma, às vezes provocando os demais colegas, demonstrando rivalidade entre eles.

Isto é possível porque as salas são organizadas de acordo com a faixa etária. Outro ponto comum entre eles é que todos são da cidade, tendo em vista que o transporte oferecido pelo município circula mais no turno da tarde.

São pessoas que possuem praticamente a mesma realidade e os mesmos interesses.

A professora da disciplina, (Mª do Carmo) não fez nenhuma objeção a minha presença no sentido de observar suas aulas, pelo contrario, ficou muito contente em poder ajudar. Entrei na sala e fui apresentada aos alunos, que mim receberam muito bem e ficaram curiosos. A professora explicou o motivo da minha presença e não houve nenhum problema. Como professora estagiaria me limitei a observar a aula da professora.

Apesar de estarem aparentemente atentos, não interferiam na aula, mesmo que a professora pedisse a sua participação. A mesma falou que esse era o comportamento normal da turma, não participavam da aula, apenas escutavam e obedecia as ordens da professora. Esta situação me fez lembrar o rap de Gabriel, e não poderia deixar de citar o texto de Regina Leite Garcia (p.146)

“A escola em que em lugar de aprender as “causas e as conseqüências” “a maioria das matérias que eles dão são inúteis”, em que o que é ensinado hoje é esquecido logo após a prova, tal qual foi no

tempo dos pais, quando o que foi ensinado “eles não se lembram mais”. E o que é pior, hoje lhes ensinam da mesma forma e as mesmas coisas que ensinavam a seus pais, o que por não ter qualquer importância, pais ontem e filhos hoje esqueceram logo após memorização mas não aprendido”.

Com relação à turma do 1º ano, é muito numerosa e os alunos ficam muito próximos, o que favorece as conversas paralelas.

Quando toca a sirene indicando o fim do recreio e o lanche, alguns alunos se dirigem para a sala, outros teimam em ficar no corredor conversando e perturbando as aulas. O barulho é tanto que não sei como a professora consegue dá prosseguimento à aula.

Alguns alunos dessa turma participam da aula, perguntam quando não entendem, se interessam para entender o contexto histórico. Outros ou fazem outras atividades ou simplesmente ficam quietos e calados.

Este período de observação, apesar de ser muito curto, nos dar uma idéia da situação da escola, seus problemas com relação à estrutura física, a falta de material didático. O pouco ou nenhum incentivo ao corpo docente, quando os mesmos dividem uma pequena sala para realizar suas atividades e são freqüentemente interrompidos pelos alunos na sua sala, os baixos salários, as salas superlotadas, a falta de compromisso dos pais com relação à escola, esperando que os professores resolvam todos os problemas de educação de seus filhos, a indisciplina e o desinteresse pelos estudos.

E assim se expressa Paulo Freire, em *De pé no chão também se aprende a ler*, de Moacyr de Góes, (p.111):

“Os círculos de pais e professores podem e devem fazer-se meio para a criação das associações de família, dentro de cada escola. Na medida que se vinculem umas com as outras, bem motivadas pela escola, vai se fazendo fácil, a partir de estímulo objetivo, leva-los a criar sua associação. Com sua diretoria. Com seus objetivos e finalidades. Mas, “desacademizadas”, “desbacharelizada”.

O que estar faltando, como já disse anteriormente, é a integração entre pais e professores para juntos descobrirem o melhor caminho.

Mas no mundo globalizado em que vivemos, coisas importantes são deixadas para segundo plano. Por um lado os professores com seus baixos salários tem que trabalharem em diversas escolas para sobreviver e mal conhecem os alunos, ou melhor dizendo, não conhecem sua realidade, seus problemas, preocupados em cumprir horários e ir para casa corrigir atividades de centenas de alunos. Por outro lado, os pais também correm atrás da sobrevivência, trabalham dão graças a Deus quando os filhos estão na sala de aula.

Como foi discutido em sala de aula com o professor Alarcon, o período de estagio é muito curto e pouco ou quase nada se pode fazer para melhorar este processo de ensino-aprendizagem, quando o professor é simples transmissor de conhecimentos e os alunos que aceitam sem discutir as informações recebidas.

Neste momento me veio a lembrança às aulas de Prática de Ensino, quando estudamos o texto Planejamento de Ensino como Estratégia de Política Cultural, por Sandra Mara Corazza. Este texto me veio a lembrança devido às impossibilidades que relatei acima como justificativa para realizar uma aula com poucos atrativos.

Agora ~~min~~ pergunto, será possível superar as impossibilidades e realizar uma aula criativa em período curto?

Chego a conclusão e ao mesmo tempo repito o que foi discutido na sala, que o período do estagio é muito curto para realizar uma atividade que satisfaça tanto o aluno como o professor.

O período de adaptação é lento e difícil e nos vemos diante de muitas impossibilidades que só serão superadas em período mais longo de estagio, sem a preocupação constante de realizar um relatório para ser entregue nos próximos dias.

Não quero de maneira alguma ~~min~~ justificar para dá uma péssima aula, pelo contrario, farei o possível para superar as impossibilidades, planejando as aulas e administrando-as de maneira criativa dentro da realidade da escola.

Diante das minhas limitações, angustias, realizei meu planejamento com o firme propósito de alcançar meus objetivos, que era assegurar a aprendizagem do aluno de maneira criativa. Consciente do meu papel como educadora responsável, que tem o dever

de interagir juntamente com o educando na descoberta de novos caminhos, encontrando na disciplina de historia outras atrativos e não só a decoreba.

Para continuar meu relatório gostaria de registrar esta passagem do texto Decifrando o Pergaminho, por Nilda Alves.

“Para apreender a “realidade” da vida cotidiana, ou qualquer dos espaços/tempos em que ele se da, é preciso estar atento a tudo que nela se passa, se acredita, se repete, se cria, e se inova, ou não. Mas é preciso também reconhecer que isso não é fácil, pois o ensinado/aprendido me leva, a esquemas bastantes de observação e classificação e é com grande dificuldade que consigo sair da comodidade do que isso significa, inclusive a aceitação pelos chamados “meus pares”, para me colocar a disposição para o grande mergulho na realidade” (p.19-20)

A SALA DE AULA – MEU ESTÁGIO

Após as observações na sala de aula da disciplina de historia, elaborei meu planejamento e comecei meu estagio na 8º série, procurando corresponder às expectativas dos alunos. Apesar da experiência em sala de aula, mas não é a mesma coisa, pois nos sentimos testados e observados e nossa presença apesar de ser aceita de boa vontade, causa mudança no cotidiano escolar e sempre me lembrando das aulas do professor Alarcon, procurei dentro do limite do conteúdo, administrar uma aula que não fosse enfadonha e que despertasse a atenção de participar da aula tirando duvidas interagindo na construção do conhecimento, dentro do contexto em que estar inserido.

Usei como recurso um cartaz, onde fiz um esquema do assunto estudado, que serviu tanto para o desenrolar da aula, como um roteiro e principalmente porque no cartaz tinha as principais idéias do texto, que dava oportunidade de explorar todos os itens, relacionado com temas atuais do conhecimento do aluno. O tema da aula: Revolução Francesa.

Alguns alunos participaram, demonstrando interesse pelo assunto, outros ficaram calados e alguns faziam outras atividades.

Mas não podemos desistir diante dos obstáculos, pelo contrário, devemos nos esforçar para atingir nossos objetivos que é dar uma aula de qualidade para toda a turma, independente de qualquer fato contrário.

Meu estagio nesta sala transcorreu sem novidades, até que, uma aluna desmaiou na sala durante a avaliação. Felizmente não caiu, pois eu a aparei. E a professora da disciplina, como também a diretora da escola, chegaram de imediato e a levaram para o hospital.

E para completar, uma aluna é pega com uma cola, pois aproveitando-se da situação, tentou copiar as repostas da prova. A professora da disciplina foi quem percebeu, pois eu estava ainda amparando a menina e prestando os primeiros socorros.

Diante de tais acontecimentos, percebi que estava na vida real, enfrentando problemas normais daquela sala de aula (no caso da cola) que ~~mim~~ pegou de surpresa e exigia uma atitude diante de uma situação improvisada.

O que mais mim preocupou foi o desmaio da menina, pois estava respondendo uma atividade elaborada por mim, mesmo sabendo que ela tem problemas de saúde, de alguma forma contribui para aquela situação.

Mas felizmente tudo acabou bem, a menina está ótima.

No encerramento do estágio fiz uma dinâmica: Confeccionar uma cruz fazendo dobraduras.

Dobra varias vezes e corta o papel usando somente as mãos. A seguir pega os restos do papel e forma a palavra lixo.

Cada aluno coloca a palavra lixo diante de si e vai dizendo o que de ruim gostaria de colocar no lixo (por exemplo: drogas, falsidade, egoísmo, indiferença, etc).

Faz uma bola com os papeis e põe no lixeiro.

Depois cada um pega sua cruz e faz uma oração, que pode ser oral ou em pensamento.

Na turma do 1º ano transcorreu tudo normal, não houve nenhum elemento surpresa. Na primeira aula estava insegura, quanto à maneira que os alunos reagiriam, mas, não tive surpresas.

A professora da disciplina já havia falado sobre o Egito, então para começar eu peguei uma carona na aula anterior e foi bastante proveitosa, na medida que, a minha aula seria sobre a Mesopotâmia, e estas civilizações possuem várias características em comum, o que motivou os alunos a participarem e juntos desenvolvemos uma aula bastante proveitosa.

Como recurso utilizei um mapa e um cartaz. O mapa é muito importante porque nos dar a oportunidade de fazer um paralelo entre as antigas civilizações, seus problemas, como a falta d'água, o deserto com os países que ocupam o espaço correspondente à antiga Mesopotâmia como Irã, Iraque, Arábia Saudita. Neste momento abrimos um espaço para falar da importância da água, principalmente para as regiões que enfrentam os problemas da seca como é o caso do Nordeste, onde se criou a famosa “Indústria da Seca”, que vem desviando verbas da União, sem trazer nenhum benefício para a região. Esta discussão foi enriquecida pelo texto *As Águas Vivificantes*, do Livro – *Historia das Cavernas ao Terceiro Milênio*. (p.24-25).

O texto *As Águas Vivificantes* foi tema de abertura da Semana da Leitura.

Esta minha experiência no 1º ano foi muito gratificante pois nos dar a certeza de que podemos realizar uma aula agradável, estimulante e acima de tudo proveitosa, atingindo nossos objetivos no sentido de estar contribuindo para o crescimento do sujeito no processo que o coloca dentro do contexto histórico – social.

E voltando as aulas de Prática de Ensino, do professor e orientador, Alarcon, que muito contribuíram para a realização deste relatório, quando discutimos : O papel do professor para contribuir para que no final de cada período o aluno seja capaz de “produzir e transformar”. E se toda prática produz efeito é preciso refletir sobre o que vai repassar para o aluno.

No estagio o professor-aluno, deve estar consciente do seu papel, realizando suas atividades de acordo com a realidade de cada turma. Até porque como diz Ana Maria Monteiro (p.143):

“Acreditamos que esse momento não se deve ter por objetivo a realização de aulas “perfeitas”, até porque não existem. Deve se buscar a

realizar o melhor possível e, o que é muito importante, aproveitar para desenvolver as possibilidades criadas para reflexão sobre a ação” (p.143).

E para concluir eu gostaria de fazer algumas considerações, para mim muito importantes. Em primeiro lugar, como já disse neste relatório e como também foi discutido na sala de aula, o período do estágio é muito curto, o que nos deixa inseguros e com a sensação de que poderíamos fazer melhor. E em segundo, o professor-estagiário sente-se como um corpo estranho dentro de uma estrutura montada e definida e que de repente é invadida, podendo construir ou desconstruir o processo ensino-aprendizagem. Dai a grande responsabilidade do estagiário, que deve ter a sensibilidade e respeitar a realidade de cada um e interagir no ambiente mantendo uma relação de cordialidade, sem querer se impor, pelo contrario, conquistar o respeito e atenção de todos.

AVALIAÇÃO

A avaliação escrita continua sendo a única maneira que a escola dispõe para verificar se o aluno realmente está preparado para seguir em frente e conseguir a sua aprovação.

Mas a avaliação não deve ter objetivos negativos no sentido de excluir aquele que não atingiu os objetivos propostos, mas antes de tudo a avaliação deveria servir para orientar o professor e educando na descoberta do conhecimento, na medida que indicará de maneira concreta até que ponto professor e alunos estão interagindo satisfatoriamente no processo ensino/aprendizagem.

Eu concordo plenamente com o texto quando diz que não se deve reprovar um aluno com base na avaliação, pois em torno dessa avaliação existe toda uma rede de interesses que se misturam e colocam apenas no aluno a culpa do “fracasso” escolar quando não corresponde as expectativas do professor.

E como diz Clarilza Prado de Souza no texto A avaliação do rendimento escolar. Sedimentação de significados (p.144)

“A avaliação é uma prática pedagógica que atende as necessidades do educador para indicar-lhe caminhos, refletir sua ação entre alunos. Atribuirei-lhe função classificatória, seletiva, discriminatória, é desvia-la de sua função básica. Ainda mais, é transferir a responsabilidade do ensino para a avaliação. Compete ao educador educar e utilizar a avaliação para verificar se está educando da forma que pretendia e, se não está, o que fazer para retomar sua trajetória”.

Este deveria ser o verdadeiro sentido da avaliação, que em vez de excluir, promove-se o crescimento do educando na construção do conhecimento, passando a interagir de maneira consciente no seu dia-a-dia e apto a entender as transformações porque passa a sociedade em que vive, pois este é o verdadeiro significado da educação, ou seja, promover a socialização do educando dentro da sua realidade e ao mesmo tempo conscientiza-lo das transformações políticas, econômicas e sociais do mundo que o rodeia.

Mas infelizmente a realidade é outra. A avaliação é uma das principais responsáveis pela exclusão do aluno no processo de ensino. Sendo excluído da escola, o aluno é marginalizado na sociedade em que vive.

No dia-a-dia a avaliação promove a distinção entre os que sabem e os que não sabem. E este processo é aplicado tanto na rede privada, como na rede pública de ensino mas, com um agravante, em que a rede pública, na sua precariedade, não promove uma educação de qualidade, repassando para o aluno o sentimento de inferioridade perante a sociedade, quando na verdade a educação na rede pública, manipulada por burocratas são os grandes responsáveis pelo fracasso escolar.

E como diz Moacyr Gadotti: a única maneira de superar a crise educacional é a criação de um “sistema único, nacional e popular de educação pública”. E acrescenta, que isto só seria possível se os “recursos disponíveis forem suficientes”.

Na escola que estagiei a precariedade é evidente, falta recursos, organização, compromisso com o processo educacional e todos esses problemas são refletidos no aproveitamento escolar, levando no ano de 2001, 50% dos alunos a perderem o ano letivo.

CONCLUSÃO

Toda esta pesquisa mostra a necessidade de repensar a educação como um todo, no sentido de encontrar um caminho que possibilite a aplicação de uma prática educacional consciente que vise promover o educando independente do seu nível social. E para isso é necessário que o estado se comprometa com todo o processo educacional, destinando os recursos necessários para a construção de uma escola de qualidade que no seu dia-a-dia vai somar e não subtrair elementos que irão contribuir para a socialização do indivíduo que conscientemente passa a interagir diante das informações recebidas.

São vários os motivos que contribuem para a evasão e a repetência, entre eles podemos citar: necessidade de trabalho, desmotivação, desqualificação do ensino e a avaliação.

Sendo que a avaliação lidera os demais, sendo apontado como uma das principais responsáveis pela reprovação e repetência, o que nos leva a pensar sobre o verdadeiro sentido da avaliação, que como foi discutido neste trabalho, é usado de forma negativa nas escolas que vêem na avaliação o único recurso disponível para carimbar o nome aprovado ou reprovado.

Mas não podemos colocar toda a responsabilidade do fracasso escolar na avaliação, isto é, muito cômodo na medida que a avaliação faz parte de um processo interligado por várias redes que interfere decisivamente na aprendizagem do aluno, levando o mesmo a sofrer todas as conseqüências do fracasso escolar.

A política educacional precisa ser revista no sentido de promover acima de tudo a inclusão das camadas populares no processo educacional e conseqüentemente na sociedade.

É este o retrato triste da nossa escola, que é marcado pela evasão e repetência e fruto do descaso governamental, que não viabiliza os recursos necessários para produzir uma educação de qualidade para todos independentes do seu nível de renda. Nossas escolas são vítima de uma política cruel, elitizante, e como as estatísticas mostram e o vestibular confirma, vai peneirando o indivíduo de acordo com as dificuldades encontradas, sendo a renda perceápita o principal diferencial desse processo.

Todo esse processo precisa ser revertido através de uma escola que ao “contrário de ser excludente seja includente”.

Assim diz Regina Leite Garcia (p.168):

“Opor-se ao quadro neoliberal que se instala na América Latina e no Brasil é construir uma escola que ao contrário de excludente, seja incluyente, espaço democrático de socialização do saber historicamente produzido e direito de todos. Estaremos assim retomando o tema da igualdade de direitos, só possível quando a escola é pública e fica sob a responsabilidade do estado. E só assim homens e mulheres independente da classe social, etnia, religião ou filiação política terão garantido o direito de se educar, inserindo-se no amplo leque da cultura de sua época e capacitando-se a contribuir para a criação de novos conhecimentos sobre o mundo em que vivem, conhecimentos científicos e tecnológicos, filosóficos e artísticos, pois a sociedade em crise exige a formação de uma massa crítica de gente educada e comprometida com a criação coletiva de solução para os graves problemas que se colocam”.

ANEXOS

Cartaz

A mesopotâmia

1 – Condições Geográficas

2 – Povos da mesopotâmia

- Sumérios
- Babilônia
- Assírios
- Caldeus

3 – A sociedade mesopotâmica

- Política
- Economia
- Organização social
- A escrita uniforme
- A religião
- A crença e a adivinhação
- O palácio e os templos
- Os saberes

Cartaz

A Revolução Francesa

1 – Características da Revolução Francesa

- Superação do feudalismo pelo capitalismo
- Marca o início da Idade Contemporânea.
- Derrubada da nobreza e ascensão da burguesia

2 – Grupos que participaram

- A burguesia (liderou)
- A população miserável
- Pequenos produtores e comerciantes
- Camponeses explorados pela servidão

3 – Divisão Social

- 1º Estado
- 2º Estado
- 3º Estado

4 – Processo Revolucionário

- Fases da Revolução:
 - A revolta aristocrata
 - Assembléia dos Estados Gerais
 - Monarquia constitucional
 - República e Convenção Nacional
 - Governo do Direito

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

JOSÉ BRONZEADO SOBRINHO

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: M^a DO CARMO SOUTO

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

ESTAGIÁRIA: CÉLIA M^a DE LIMA VITÓRIO

SÉRIE: 8^a

PLANO DE AULA

Titulo: A Revolução Francesa;

Tema: características econômicas, políticas e sociais da França

1 – Objetivos:

- Identificar as características políticas, econômicas e sociais da França;
- Interagir com o educando no sentido de relacionar a crise social, econômica e política com a Revolução Francesa.

2 – Conteúdo:

- Características da Revolução Francesa;
- Grupos que participaram da revolução;
- Divisão social da França na revolução;
- situação política e econômica da França.

3 – Metodologia:

- Aula expositiva
- Apresentação de cartazes

4 – Avaliação:

- Escrita em grupo e individual

5 – Bibliografia:

- COTRIM, Gilbrto, História e Consciência do mundo. Vol. 2 – 13ª edição – 1998
Editora Saraiva
- VICENTIN, Cláudio, História Geral – 8ª edição
Editora Scipicione.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

JOSÉ BRONZEADO SOBRINHO

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: M^a DO CARMO SOUTO

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

ESTAGIÁRIA: CÉLIA M^a DE LIMA VITÓRIO

SÉRIE: 8^a

PLANO DE AULA

Titulo: Revolução Francesa

Tema: Fases do Processo Revolucionário

1 – Objetivos:

- Identificar as principais fases do processo revolucionário
- Relacionar as causas da revolução
- Identificar as forças políticas que impulsionaram a revolução
- Discutir com alunos as conseqüências da Revolução Francesa para as camadas populares.

2 – Conteúdos:

- Revolta Aristocrática
- Assembléia Nacional Constituinte
- Monarquia Constitucional
- República e Convenção Nacional
- Governo do Diretório

3 – Metodologia:

- Aulas expositivas
- Apresentação de cartazes

4 – Avaliação:

- Avaliação contínua a partir da participação em sala de aula
- Avaliação escrita

5 – Bibliografia:

- COTRIM, Gilbrto, História e Consciência do Mundo. Vol. 2 – 13ª edição – 1998
Editora Saraiva
- VICENTIN, Cláudio, História Geral – 8ª edição
Editora Scipione.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

JOSÉ BRONZEADO SOBRINHO

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: M^a DO CARMO SOUTO

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

ESTAGIÁRIA: CÉLIA M^a DE LIMA VITÓRIO

SÉRIE: 1º ANO

PLANO DE AULA

Titulo: As civilizações da Mesopotâmia

Tema: Os povos da Mesopotâmia

1 – Objetivos:

- Localizar geograficamente os países que atualmente ocupam a mesopotâmia
- Relacionar as condições geográficas como fator determinante para o desenvolvimento das civilizações mesopotâmicas
- identificar os principais povos que formaram a mesopotâmia

2 – Conteúdos:

- Sumerianos e acadianos (antes de 2000 a.C.)
- O Primeiro Império Babilônico (2000 a.C. – 1750 a.C.)
- O Império Assírio (1300 a.C. – 612 a.C.)
- O Segundo Império Babilônico (612 a.C. – 539 a.C.)

3 – Metodologia:

- Aula expositiva
- Apresentação de cartazes

4 – Avaliação:

- Atividade escrita
- Dissertação do conteúdo estudado

5 – Bibliografia:

- VICENTINO, Cláudio, História Geral – 8ª edição
Editora Scipione
- MOTA, Myriam Brejo e BRAICK, Patrícia Ramos
1ª edição – Editora Moderna

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

JOSÉ BRONZEADO SOBRINHO

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: M^a DO CARMO SOUTO

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

ESTAGIÁRIA: CÉLIA M^a DE LIMA VITÓRIO

SÉRIE: 1º ANO

PLANO DE AULA

Titulo: As civilizações da Mesopotâmia

Tema: A sociedade mesopotâmica

1 – Objetivos:

- Relacionar a importância dos Rios Tigre e Eufrates para o desenvolvimento da economia
- Estabelecer a organização social
- Identificar as principais contribuições deixadas pelas civilizações mesopotâmicas para o mundo atual.

2 – Conteúdos:

- Política
- Economia
- Organização Social
- A escrita cuneiforme
- A religião
- A crença e a adivinhação
- O palácio e os templos
- Os saberes

3 – Metodologia:

- Apresentação de cartazes
- Aula expositiva

4 – Avaliação:

- Escrita escrita sem pesquisa
- Escrita escrita com pesquisa

5 – Bibliografia:

- VICENTINO, Cláudio, História Geral – 8ª edição
Editora Scipione
- MOTA, Myriam Brejo e BRAICK, Patrícia Ramos
1ª edição – Editora Moderna

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

JOSÉ BRONZEADO SOBRINHO

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: M^a DO CARMO SOUTO

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

ESTAGIÁRIA: CÉLIA M^a DE LIMA VITÓRIO

SÉRIE: 1º ANO

PLANO DE AULA

Título: As Águas Vivificantes

Tema: A água, motivo de conflitos há milhares de anos no Oriente médio, pode vir para os povos da região como uma dádiva da paz.

1 – Objetivos:

- Discutir com os alunos como os povos do Oriente Médio, enfrentam o problema de escassez da água.
- Identificar os principais rios que abastecem o Oriente Médio
- Identificar os países que sofrem com a escassez de água.

2 – Conteúdos:

- O índice pluviométrico é baixo no Oriente Médio
- Principais rios do Oriente Médio
- A seca e suas consequências para os povos do Oriente Médio
- A declaração da paz entre os países do Oriente Médio é um dos caminhos para superar a escassez da água.
- Medidas que estão sendo adotadas para superar a escassez da água.

3 – Metodologia:

- Aulas expositivas
- Revistas

4 – Avaliação:

- Continua de acordo com a participação em sala de aula

5 – Bibliografia:

- MOTA, Myriam Brejo e BRAICK, Patrícia Ramos
1ª edição – Editora Moderna

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

JOSÉ BRONZEADO SOBRINHO

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA: M^a DO CARMO SOUTO

ORIENTADOR: ALARCON AGRA DO Ó

ESTAGIÁRIA: CÉLIA M^a DE LIMA VITÓRIO

SÉRIE: 8^a

PLANO DE AULA

Título: Revolução Francesa

Tema: Estudo dirigido

1 – Objetivos:

- Identificar as principais causas da Revolução Francesa
- Relacionar as principais fases do Processo Revolucionário
- Analisar os ideais Revolucionários de igualdade entre homens e até que ponto foi aplicada.

2 – Conteúdos:

- Crise do Antigo Regime
- A situação política
- Dificuldades econômicas
- Processo Revolucionário.

3 – Metodologia:

- Pesquisa em grupo

4 – Avaliação:

- Atividade escrita

5 – Bibliografia:

- COTRIM, Gilbrto, História e Consciência do Mundo. Vol. 2 – 13ª edição – 1998
Editora Saraiva

10

REVOLUÇÃO FRANCESA



Desde o século XVII, o Antigo Regime já vinha apresentando sinais de crise. Com a Revolução Inglesa, a burguesia acabara com o absolutismo monárquico na Inglaterra. Além disso, as práticas do novo capitalismo industrial, implantadas pela Revolução Industrial, eram incompatíveis com a velha estrutura do Antigo Regime. Até mesmo o sistema colonial teve suas bases abaladas com a independência dos Estados Unidos. Não faltavam motivos para acabar com o Antigo Regime.

Quais os argumentos sociais básicos utilizados contra o absolutismo do Antigo Regime? Que papel desempenha nesse processo a Revolução Francesa?

A Revolução Francesa é um dos grandes acontecimentos históricos que marcaram a superação final do feudalismo pelo capitalismo. É tradicionalmente utilizada para assinalar o início da Idade Contemporânea.

Destruindo as decadentes estruturas do Antigo Regime, a revolução derrubou a nobreza que ainda vivia dos privilégios do Estado absolutista. Liderado pela burguesia, o movimento contou com a participação de vários grupos sociais: a população miserável das cidades, os pequenos produtores e comerciantes, os camponeses explorados pela servidão etc.

Ao final do longo processo de lutas, pode-se dizer que a revolução levou a burguesia ao poder. O privilégio de nascimento da nobreza foi derrubado. Mas, em seu lugar, a burguesia colocou o privilégio social do dinheiro¹, da conquista de riquezas econômicas.

Para entender o processo revolucionário francês, vamos conhecer algumas características da situação social, econômica e política da França no final do século XVIII.

Sociedade estratificada: privilégios e desigualdades

Por volta de 1789, a França era o país mais populoso da Europa ocidental. Tinha cerca de 25 milhões de habitantes. Toda essa população estava juridicamente dividida em três ordens ou estados: o clero (primeiro estado), a nobreza (segundo estado) e o restante da população (terceiro estado).

Cada uma dessas ordens dividia-se internamente em grupos, muitas vezes rivais.

Mas o primeiro e o segundo estados possuíam algo em comum: os vários privilégios sociais. Não pagavam impostos, tinham exclusividade para exercer certos cargos públicos e recebiam, às vezes, pensões do Estado.

Sobre os ombros do terceiro estado pesavam, portanto, todas as obrigações de pagar impostos e sustentar as despesas das ordens privilegiadas.

O clero

O primeiro estado, formado pelo clero, contava com aproximadamente 120 mil pessoas. Dividia-se em alto clero e baixo clero:

- **Alto clero** — reunia bispos, abades e cônegos, vindos das famílias da nobreza. A base da riqueza do alto clero resultava do recebimento de dízimos e da renda de imóveis urbanos e rurais.
- **Baixo clero** — compunha-se de sacerdotes pobres, que constituíam uma plebe eclesiástica.

A nobreza

O segundo estado, constituído pela nobreza, contava com aproximadamente 350 mil pessoas. Dividia-se em três grupos principais:

- **Nobreza cortesã** — vivia no palácio de Versalhes, em torno do rei, recebendo pensões do Estado.
- **Nobreza provincial** — grupo empobrecido e decadente que sobrevivia submetendo os camponeses ao pagamento de direitos feudais.
- **Nobreza de toga** — burgueses ricos que compravam títulos de nobreza, cargos políticos e administrativos.

A maioria da população

O terceiro estado, formado pela maioria absoluta da população, contava com mais de 24 milhões de pessoas. Reunia diversos grupos, entre os quais podemos distinguir:

- **Grande burguesia** — formada por banqueiros, poderosos empresários e comerciantes.
- **Média burguesia** — composta de profissionais liberais, como médicos, advogados, professores e comerciantes.
- **Pequena burguesia** — constituída por pequenos comerciantes e artesãos.
- **Camponeses** — eram os trabalhadores livres e semilivres e os servos presos às obrigações feudais.

1. Cf. HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 162

- **Sans-culotte*** — camada social urbana composta de aprendizes de ofícios, assalariados e desempregados marginalizados.

• **Sans-culotte** — a nobreza vestia habitualmente um tipo de calça justa denominada *culotte*. Já os populares que moravam nas cidades vestiam calças largas. Daí a origem da expressão *sans-culotte*.



Caricatura da época mostrando o terceiro estado carregando o clero e a nobreza.

A situação política: necessidade de mudar

Revoltados contra os privilégios do clero e da nobreza, os membros do terceiro estado queriam um regime jurídico de igualdade para todos perante a lei.

E os setores mais esclarecidos da burguesia adquiriam cada vez mais consciência de seus interesses sociais e econômicos. Percebiam que o Estado devia ser reestruturado a fim de corresponder aos valores do capitalismo.

Isso significava combater o absolutismo monárquico, a excessiva intervenção do Estado na economia, a intolerância filosófica e religiosa, os privilégios hereditários da nobreza e do clero etc.

O fundamento filosófico dessas idéias burguesas era o Iluminismo. Os novos ideais iluministas contagiavam os setores progressistas da sociedade, sendo discutidos nos salões, nos cafés, nas lojas maçônicas etc. Além disso, várias associações foram formadas para divulgar os textos iluministas.*

definindo conceitos

- **Loja maçônica** — refere-se à maçonaria, sociedade parcialmente secreta, cujo principal objetivo era desenvolver o princípio da fraternidade e da filantropia.

Economia agrária: dificuldades

A economia francesa era basicamente agrária. Aproximadamente 80% da população trabalhava no campo. No entanto, a produção agrícola não atendia de modo satisfatório ao consumo de alimentos. Problemas climáticos, como secas e inundações, agravavam ainda mais a situação da agricultura desde 1784. Em consequência, o preço dos alimentos subia brutalmente. Nas cidades e no campo, o povo vivia uma situação de fome, miséria e desespero.

Além de tudo isso, a indústria têxtil francesa passou por grandes dificuldades econômicas devido à concorrência dos tecidos ingleses, que inundavam o mercado interno na França. As dificuldades da indústria francesa geraram o desemprego de muitos trabalhadores, aumentando o número de famintos e marginalizados.

COTIDIANO

HISTÓRIA

VIDA DOS POBRES

Um panorama das cidades européias do século XVIII

“As condições de vida de grande parte da população européia do século XVIII eram bastante difíceis. A maioria das cidades era insalubre, muito mal pavimentada, exalava um cheiro insuportável e, freqüentemente, era mal iluminada.

À medida que o século XVIII avançava, foi-se tomando consciência da necessidade de melhorar o saneamento, a higiene e a segurança das cidades européias. Desse modo, os bairros insalubres e superpovoados foram destruídos. Em seu lugar ergueram-se grandes espaços abertos, como a praça Luís XV, em Paris, e suas numerosas imitações.

Os períodos de ausência de guerra contribuíram para o aumento populacional das cidades.

Além disso, as péssimas condições de vida no meio rural também produziram uma grande migração de camponeses para as cidades. Esses camponeses geralmente engrossavam os grupos de pobres que viviam como mendigos. Aqueles que não conseguiam sobreviver da caridade ou não encontravam trabalho acabavam caindo na delinquência, que foi duramente reprimida pelas autoridades. O povo manifestava um gosto mórbido pelos castigos públicos, como a punição pelo chicote, o suplício da roda² ou o enforcamento.”

FRÉDÉRIC DELOUCHE (ORG.)
História da Europa

Coimbra, Minerva, 1992. p. 264 (Texto adaptado)



Para combater a mendicância, muitos países procuram criar instituições de assistência social, como hospitais e oficinas de trabalho.

compreendendo o TEXTO

1. Sintetize a situação social, política e econômica da França no período pré-revolucionário, isto é, no final do século XVIII.
2. Construa uma pirâmide da sociedade francesa. Represente proporcionalmente cada um dos estados e indique os grupos que os formavam:
 - primeiro estado (cerca de 120 mil pessoas);
 - segundo estado (cerca de 350 mil pessoas);
 - terceiro estado (cerca de 24 milhões de pessoas).

2. Suplício da roda — tipo de tortura em que a vítima ficava presa por um longo tempo, de braços e pernas abertas, a uma grande roda de madeira.

desenvolvendo a REFLEXÃO

1. Analise as ilustrações, observando sobretudo a vestimenta das pessoas.



O sans-culotte e sua mulher



Maria Antonieta e seus filhos

Agora, faça o que se pede:

- a) Escreva três adjetivos para cada uma das ilustrações.
- b) Empregando os adjetivos, descreva a situação social de cada uma das classes representadas nas ilustrações.
- c) Crie um único título para as descrições, associando seus conteúdos.

2. **Análise e comente:**

A nobreza e o clero possuíam privilégios sociais dentro da sociedade francesa no Antigo Regime. Você concorda com esse tipo de privilégios sociais? Justifique sua resposta.

3. **Localize**, em jornais ou revistas, notícias atuais sobre a vida das classes populares e a vida das elites. É possível estabelecer algum paralelo entre a situação atual e a da França no século XVIII? Comente.

PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

Fim do Antigo Regime e ascensão da burguesia

O processo revolucionário francês durou dez anos (1789-1799) e foi complexo e contraditório. Para melhor entendê-lo, os historiadores costumam dividi-lo em diferentes fases, que variam conforme o tipo de classificação adotada. Vejamos uma classificação que nos parece mais conveniente nesta etapa de estudos:

- Revolta aristocrática;
- Assembléia Nacional Constituinte;
- Monarquia constitucional;
- República e Convenção Nacional;
- Governo do Diretório.

Revolta aristocrática: o tiro saiu pela culatra

A França estava mergulhada em grave crise econômica. As despesas do Estado eram bem maiores que a receita arrecadada. Para solucionar a crise, o rei Luís XVI pretendia criar novos tributos que deveriam ser pagos pelo terceiro estado. Ou, então, teria de acabar com a isenção tributária* da nobreza e do clero.

Sentindo-se ameaçados em seus privilégios tradicionais, a nobreza e o clero revoltaram-se em 1787. Pressionaram o rei para que convocasse a Assembléia dos Estados Gerais*, com o

objetivo de obrigar o terceiro estado a assumir a conta. Contavam para isso com o próprio sistema de votação da Assembléia. A votação era feita por grupo, ou seja, cada estado tinha direito a apenas um voto, independente do número de representantes. Assim, clero e nobreza, unidos, teriam sempre dois votos contra apenas um do terceiro estado.

ASSEMBLÉIA DOS ESTADOS GERAIS O SUICÍDIO POLÍTICO DA NOBREZA

A exigência da nobreza de convocação da Assembléia dos Estados Gerais revelou-se verdadeiro suicídio político para ela e para o regime absolutista que a representava. Isso ocorreu por duas razões básicas.

Primeiro, porque a nobreza desconsiderou perigosamente a força e a capacidade política do terceiro estado.

Segundo, porque aquela época coincidia com um momento de grave crise econômica, fome e desemprego. A multidão de pobres, do campo e das cidades, estava desesperada e revoltada. Conseqüentemente, as eleições para escolha dos deputados à Assembléia dos Estados Gerais transcorreu num clima extremamente favorável aos objetivos do terceiro estado.

A burguesia aproveitou a oportunidade para divulgar suas idéias e seu programa de reformas através de intensa propaganda. As massas camponesas e urbanas teriam espaço para demonstrar, em termos políticos, todo o seu descontentamento³.

¹ *estabilidade econômica*

* **Isenção tributária** — desobrigação de pagar tributos, isto é, impostos.

* **Assembléia dos Estados Gerais** — instituição antiga, que não se reunia há 175 anos. Participavam dessa instituição parlamentar os representantes dos três estados.

3. FLORENZANO, Modesto. *As revoluções burguesas*. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 35-6 (Texto adaptado)

A ssembléia Nacional Constituinte: a revolução nas ruas

No início de maio de 1789, a Assembléia dos Estados Gerais reuniu-se no palácio de Versalhes. E logo explodiu o conflito entre as **ordens privilegiadas** (nobreza e clero) e o terceiro estado.

A nobreza e o clero queriam votar os projetos em separado, valendo o voto por ordem social. O terceiro estado, que tinha mais deputados que a nobreza e o clero juntos, não aceitou o sistema tradicional de votação. Exigiu que a votação fosse realizada pelo voto individual. Assim, teria condições de vencer e fazer valer suas decisões.

Apoiados pelo rei, os conservadores da nobreza e do clero não concordavam com a mudança na regra de votação pretendida pelo terceiro estado. O conflito entre as ordens paralisou os trabalhos.

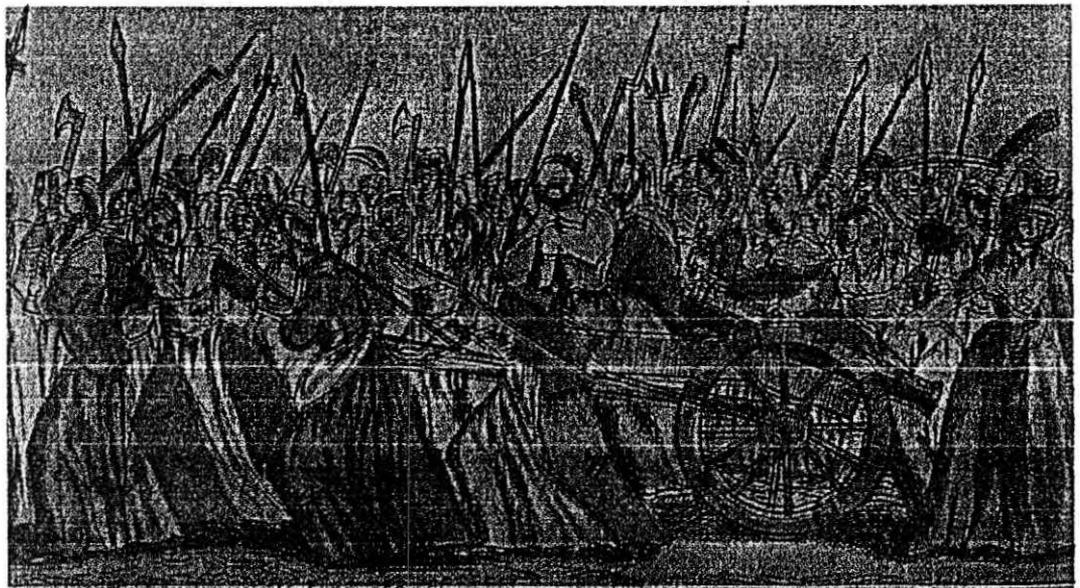
Em 17 de junho de 1789, os representantes do terceiro estado revoltaram-se, proclamando-se em Assembléia Nacional Constituinte. O objetivo era elaborar uma nova constituição para a França.

A tomada da Bastilha

O rei ordenou o fechamento da sala de reuniões, procurando dissolver a Assembléia Nacional. Mas o terceiro estado, liderado pela burguesia, transferiu-se para um salão de jogos do palácio, que era utilizado pela nobreza. Nesse local improvisado decidiram permanecer reunidos até cumprir seus objetivos. Esse episódio ficou conhecido como o **Juramento do Jogo da Péla**.

Luís XVI tentou reagir, organizando tropas para lutar contra o terceiro estado. Mas a revolta popular já tomava conta das ruas, e o rei não tinha força para controlá-la. Um dos principais *slogans* lançados pelos revolucionários dizia: **Liberdade, igualdade e fraternidade**.

No dia 14 de julho de 1789 o povo, em massa, invadiu e tomou a velha prisão da Bastilha, que era o símbolo do poder absoluto do rei. Lá ficavam presos os inimigos políticos da monarquia francesa. De Paris, a revolta popular espalhou-se por toda a França.



Puxando um canhão, mulheres marcham para Versalhes para exigir pão do rei Luis XVI, em 1789.

O fim do regime feudal e dos privilégios

Sem forças para dominar a agitação política e social, o rei Luís XVI foi obrigado a reconhecer a legitimidade da Assembléia Nacional Constituinte. Por sua vez, a assembléia procurou tomar medidas de grande alcance popular para conter a fúria revolucionária da massa camponesa e urbana.

Em 4 de agosto de 1789, a assembléia **aboliu** o regime feudal, eliminando os direitos senhoriais

sobre os camponeses e acabando com os privilégios tributários do clero e da nobreza.

definição conceitos

- **Cidadania** — diz respeito ao conjunto de direitos e deveres exercidos pela cidadã.
- **Cidadão** — pessoa capaz de exercer plenos direitos dentro da sociedade nacional. Exemplo: direito de votar e ser votado.

No dia 26 de agosto de 1789, a Assembléia Nacional proclamou a célebre **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão***. Os principais pontos defendidos por esse documento eram:

- O respeito pela dignidade da pessoa humana.
- A liberdade e a igualdade dos cidadãos perante a lei.
- O direito à propriedade individual.
- O direito de resistência à opressão política.
- A liberdade de pensamento e de opinião.



Cidadãos franceses cantam a marcha revolucionária *Marselhesa*.

A redução do poder do clero

Em 1790, a Assembléia Constituinte confiscou inúmeras terras da Igreja e subordinou o clero à autoridade do Estado. Essa medida foi tomada através de um documento chamado **Constituição Civil do Clero**.

O papa não aceitou as determinações da assembléia. Os sacerdotes fiéis ao papa tiveram duas opções: sair da França ou ficar para lutar contra a revolução. Muitos, porém, acataram as novas leis francesas.

Os religiosos descontentes e vários membros da nobreza fugiram da França e, no exterior, decidiram organizar um exército para reagir à revolução.

Monarquia constitucional: o domínio da burguesia

Em 1791, foi concluída a constituição elaborada pela Assembléia Constituinte. A França tornava-se uma **monarquia constitucional**, dominada pela alta burguesia. Vejamos alguns dos principais pontos da Constituição francesa de 1791 que exprimiam os ideais da burguesia.

- **Sociedade** — igualdade jurídica de todos os indivíduos. Extinguiam-se os privilégios hereditários da nobreza e do clero. Abolição total da tortura. Mas defendia a permanência da escravidão nas colônias francesas.
- **Economia** — completa liberdade de produção e de comércio. Garantia-se a não-interferência do Estado na vida econômica. Proibição das greves dos trabalhadores.
- **Religião** — garantia-se a liberdade de crença religiosa. Instituiu-se a separação entre Estado e Igreja. Tornava obrigatória a nacionalização dos bens do clero.
- **Política** — os poderes do Estado foram divididos em três: legislativo, executivo e judiciário. Assegurava-se a representatividade popular por meio de eleições para a escolha dos parlamentares. Os cidadãos foram divididos em **ativos** (que tinham certo limite de renda para votar) e **passivos** (que eram pobres e ficavam fora do processo eleitoral).

Forças contra-revolucionárias

O rei Luís XVI não aceitou a perda de poder e conspirou contra a revolução. Fez contatos com nobres emigrados e com monarcas da Áustria e da Prússia. O objetivo dos contra-revolucionários era organizar um exército que invadisse a França e restabelesse a velha monarquia absolutista.

Em julho de 1791, Luís XVI tentou fugir da França a fim de juntar-se às forças contra-revolucionárias que se organizavam no exterior. Durante a fuga, entretanto, foi reconhecido e preso em Varennes, sendo reconduzido à capital francesa e mantido sob vigilância.

O exército austro-prussiano invadiu a França, contando com o apoio secreto da família real, que fornecia segredos militares às tropas estrangeiras. Para defender o país, os líderes da Revo-

lução Francesa, como Danton e Marat, faziam apelos para que todos os cidadãos lutassem pela França. Em 20 de setembro de 1792, o exército invasor foi derrotado pelas tropas francesas na famosa **Batalha de Valmy**.

República e Convenção Nacional: girondinos, jacobinos e planície

A vitória da França deu nova força moral aos revolucionários. Os principais líderes da burguesia decidiram então acabar com a monarquia e proclamar a república. Isso ocorreu em 22 de setembro de 1792. O rei foi mantido preso, acusado de traição à pátria.

Proclamada a república, a antiga assembleia foi substituída pela **Convenção Nacional**, que tinha como principal missão elaborar uma nova constituição para a França.

Nesse período, as mais importantes forças políticas do país eram as seguintes:

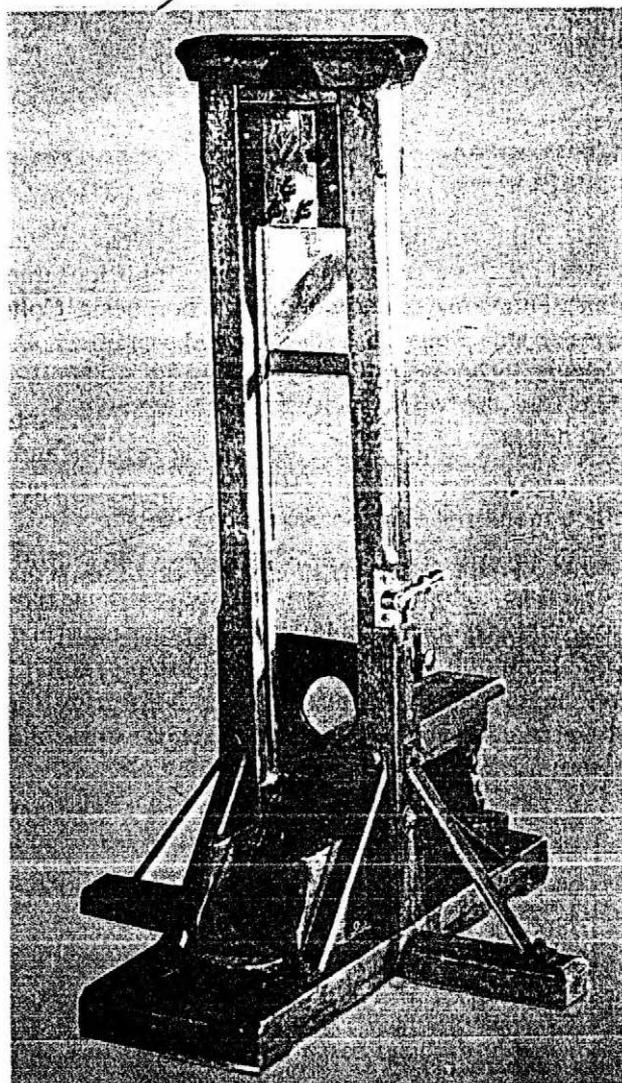
- **Grupo dos girondinos** — representava a alta burguesia. Defendia posições moderadas, temendo que as camadas populares assumissem o controle da revolução.
- **Grupo dos jacobinos** — representava a pequena e a média burguesias e o proletariado de Paris. Defendia posições mais radicais.
- **Grupo da planície** — representava a burguesia financeira. Conforme suas conveniências imediatas, mudava de posições constantemente. Era oportunista, sempre apoiando quem estava no poder.

O rei Luís XVI foi levado a julgamento por traição à pátria. Os girondinos procuraram defender o rei, mas os jacobinos, liderados por **Robespierre** e **Saint-Just**, pregaram sua condenação à pena de morte. Ao final, o rei foi guilhotinado em 21 de janeiro de 1793.

A fase do Terror

A execução do rei provocou revoltas internas e uma reorganização das forças absolutistas estrangeiras. Para enfrentar a ameaça, os jacobinos criaram uma série de órgãos encarregados da defesa da revolução. Entre esses órgãos, destacam-se:

- **Comitê de Salvação Pública** — responsável pelo controle do exército e da administração do país.
- **Tribunal Revolucionário** — encarregado de vigiar, prender e punir os traidores da causa revolucionária. Esse tribunal foi responsável pela morte de aproximadamente 40 mil pessoas na guilhotina.



Guilhotina, o instrumento utilizado para cortar a cabeça daqueles que eram julgados inimigos da revolução.

Esse período é conhecido como a fase do **Terror**, pois o medo da guilhotina andava pela cabeça dos não-jacobinos.

Instalou-se uma verdadeira ditadura dos jacobinos, sob a liderança de Robespierre. Este, para governar, procurava equilibrar-se entre as diversas tendências políticas, umas mais identificadas com a alta burguesia e outras mais próximas das aspirações das camadas populares.

Durante seu governo, Robespierre alcançou alguns êxitos, principalmente no setor militar. O exército francês conseguiu, por exemplo, repelir o ataque de forças estrangeiras.

Aliviadas as tensões decorrentes da ameaça estrangeira, os girondinos e o grupo da planície uniram-se contra o governo de Robespierre. Sem o necessário apoio popular, Robespierre foi preso em 27 de julho de 1794, sendo, logo depois, guilhotinado.

Governo do Diretório: a ascensão de Napoleão

Com o fim de Robespierre, a Convenção Nacional passou a ser controlada pelos políticos que representavam os interesses da alta burguesia. Com nova orientação política, decidiu elaborar uma nova Constituição para a França.

Essa Constituição ficou pronta em 1795, estabelecendo a continuidade do regime republicano. Ele seria controlado pelo **Diretório**, composto por cinco membros eleitos pelo legislativo.

O governo do Diretório durou de 1795 a 1799. Foi um período conturbado, em que o Estado tentava conter o descontentamento popular e afirmar o controle político da burguesia sobre o país. Durante esse período, o jovem oficial **Napoleão Bonaparte** adquiriu prestígio pelo seu desempenho como militar.

O golpe de 18 brumário

No dia 10 de novembro de 1799 (18 brumário, pelo novo calendário* instituído pela revolução), Napoleão Bonaparte, contando com o apoio de influentes políticos burgueses, dissolveu o Diretório e estabeleceu um novo governo, denominado **Consulado** (golpe de 18 brumário).

delimitado vestibular

* **Novo calendário** — em 1793, os revolucionários franceses aprovaram um novo calendário. O ano 1 começou com o término da monarquia na França (22 de setembro de 1792). Os meses foram divididos a partir dessa data de acordo com as estações do ano. Por exemplo: *brumaire* (brumosa), 2º mês do calendário, de 23 de outubro a 21 de novembro; *nivôse* (nevasa), 4º mês, de 22 de dezembro a 21 de janeiro; *ventôse* (ventoso), 6º mês, de 19 de fevereiro a 20 de março.

O papel de Napoleão foi o de evitar uma possível ascensão ao poder de setores mais identificados com os interesses das camadas populares. Com

isso, Napoleão Bonaparte consolidou as conquistas da burguesia francesa, encerrando o ciclo revolucionário.

compreendendo o TEXTO

1. Ordene as frases seguintes de acordo com a seqüência histórica. Indique também a etapa do processo revolucionário em que ocorreram:

- ✓ Luís XVI tenta fugir do país, mas é preso.
- ✓ O terceiro estado propõe o voto individual em substituição ao sistema de votação por estado.
- ✓ A França torna-se uma monarquia constitucional.
- ✓ A nobreza e o clero pressionam o rei para convocar a Assembléia dos Estados Gerais.
- ✓ A população de Paris toma a Bastilha.
- ✓ Golpe de 18 brumário, por Napoleão Bonaparte.
- ✓ Proclamação da república e período do Terror.
- ✓ Luís XVI resolve criar novos impostos para solucionar a crise econômica do país.
- ✓ Morte de Robespierre e formação do Diretório, sob o controle da alta burguesia.
- ✓ O terceiro estado proclama-se em Assembléia Nacional Constituinte.

2. Explique, com suas palavras, a seguinte afirmação:

A exigência da nobreza de convocação da Assembléia dos Estados Gerais revelou-se verdadeiro suicídio político para ela e para o regime absolutista.

3. Interprete o texto a seguir e, depois, responda às perguntas:

Em dezembro de 1792, o rei Luís XVI respondia desse modo à acusação de haver cometido vários crimes contra o povo francês: Não havia leis que me impedissem.

- a) Quais princípios da Revolução Francesa poderiam ser utilizados para acusar o rei da França? Explique.
- b) Quais as características do Estado absolutista que explicam a resposta do rei?

4. Questão adaptada do vestibular da UNICAMP/90.

4. Identifique os principais grupos políticos e suas respectivas posições na fase da República.

5. Explique, com suas palavras, o que foi o golpe de 18 brumário de Napoleão. Quem se beneficiou e quem se prejudicou com o golpe? Justifique sua resposta.

desenvolvendo a REFLEXÃO

1. Crie um título para a gravura popular que mostra o terceiro estado libertando-se das correntes que o aprisionavam.



2. Sintetize o texto a seguir, reescrevendo-o com o menor número de palavras possível:

Derrubando o Antigo Regime, a burguesia lutou para construir um mundo novo. Um mundo onde se prometia que o cidadão substituiria o súdito, onde o progresso industrial acabaria com a fome e a miséria, onde a liberdade seria maior que a tirania, onde a ciência teria mais força que a superstição. A burguesia prometeu mais do que cumpriu.

3. Relacione os ideais de justiça social defendidos pelo Iluminismo e o que se realizou ao final da:

- a) Independência dos Estados Unidos;
- b) Revolução Francesa.

Esses ideais foram concretizados?

4. Crie balões de fala para a ilustração que retrata a prisão de Luís XVI:



5. Reflita sobre os atuais problemas enfrentados pela sociedade Brasileira: desemprego, menores de rua, crescente número de favelados etc. Se você estivesse participando de uma campanha para a solução desses problemas, que slogan criaria?

6. Assista, se puder, ao filme *Danton — o processo da revolução*, dirigido por Andrzej Wajda. Esse filme aborda a luta do líder Danton para acabar com o regime de terror instituído na Revolução Francesa. Discuta com seus colegas as cenas que mais chamaram a sua atenção, procurando enfatizar o processo histórico.

DEBATE HISTÓRICO

Apesar de estar fundamentada em ideais de igualdade entre os homens, a Revolução Francesa conheceu um período em que um grupo de revolucionários impôs a ditadura sobre o país. Na sua opinião, existe revolução sem violência? Que exemplos haveria hoje de ditaduras que começaram como uma revolução libertadora? Pesquise e discuta com seus colegas.

CAPÍTULO 4

A Mesopotâmia

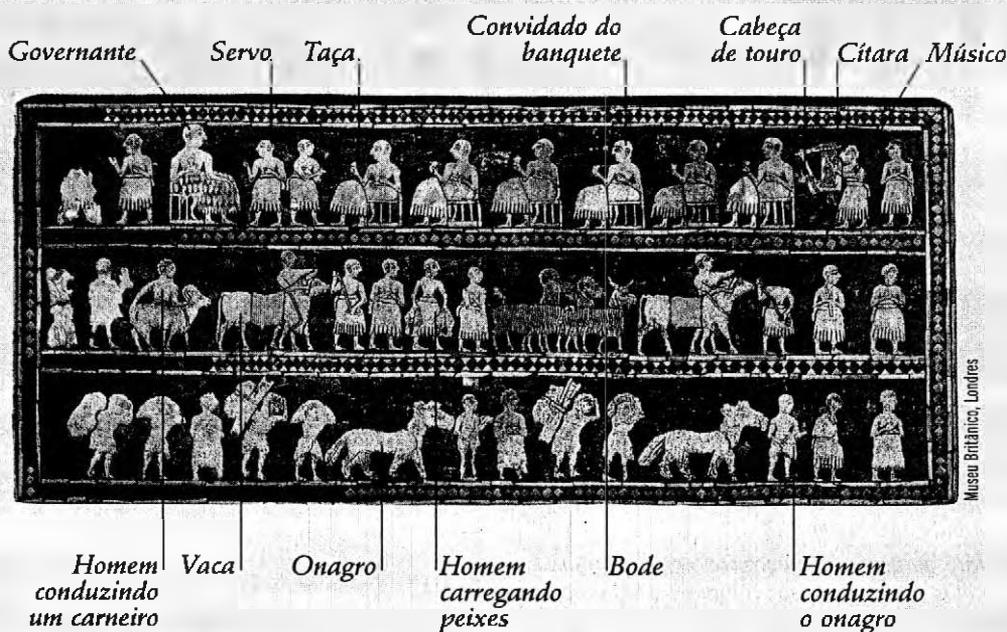
Assim como o vale do Nilo, a Mesopotâmia é um dos lugares onde se desenvolveram algumas das mais antigas sociedades humanas.

Muitos povos se sucederam na ocupação da Mesopotâmia, como sumérios, babilônios, caldeus e assírios. Embora esses povos apresentassem muitas diferenças entre si, o intenso intercâmbio contínuo entre eles tornou possível a formação de culturas semelhantes, com diversos aspectos em comum.

As semelhanças encontradas nas formas de organização social e de produção e nas crenças religiosas, por exemplo, podem ser explicadas principalmente pelas guerras de conquista do território, empreendidas de maneira quase sistemática naquela região.

Assim, neste capítulo, iremos examinar, em um primeiro momento, a história política de alguns povos que ocuparam a Mesopotâmia e, depois, as tradições, os valores, as crenças, enfim, as características culturais compartilhadas por esses povos.

Para refletir e discutir



A Suméria é uma das mais antigas sociedades da Mesopotâmia, e a cidade de Ur está entre suas primeiras aglomerações populacionais. Pesquisas arqueológicas levaram à descoberta de vários objetos que fornecem pistas sobre a cultura dos sumérios. Entre as peças mais conhecidas, está essa caixa de madeira chamada *Instância*

de Ur. Datada de cerca de 2500 a.C., era utilizada provavelmente para abrigar uma cítara. Reproduzimos aqui um dos lados dessa caixa, denominado *Lado da paz*, que representa, provavelmente, um banquete. Faça uma descrição da imagem e escreva um texto opinando sobre como deveria estar organizada a sociedade suméria.

1. As condições geográficas

O nome Mesopotâmia foi dado pelos gregos e significa "terra entre rios" (*meso* = no meio; *potamos* = rio). Compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, a Mesopotâmia estava localizada entre áreas montanhosas e desérticas, na extremidade oriental do Crescente Fértil. Dividia-se em duas áreas com características naturais distintas: ao sul, as férteis planícies da Suméria (depois chamada Caldéia); ao norte, o árido e montanhoso solo da Assíria.

O Tigre e o Eufrates nascem nas montanhas da Armênia e correm um ao lado do outro em direção ao golfo Pérsico. Na primavera, o degelo da neve que cobre as montanhas da Armênia provoca inundações, tornando as terras da baixa planície da Suméria extremamente férteis, fenômeno semelhante àquele que ocorre com o Nilo.

Como aconteceu no Egito, contudo, foi preciso um enorme esforço dos habitantes da região para controlar as águas das enchentes e poder cultivar as terras em torno dos rios, que de outra forma seriam pântanos férteis, mas inabitáveis. Assim, graças ao trabalho continuado de muitas gerações, foi possível cultivar vegetais e obter colheitas abundantes.

2. Os povos da Mesopotâmia

A Mesopotâmia funcionava como uma espécie de corredor por onde passavam muitos povos nômades vindos de

diferentes regiões. Atraídos pelas terras férteis, alguns deles aí se estabeleceram. Do convívio entre muitas dessas culturas, floresceram as chamadas sociedades mesopotâmicas.

Sumérios

Os sumérios foram provavelmente os primeiros a habitar o sul da Mesopotâmia. Desde o quarto milênio a.C., realizavam obras de irrigação e utilizavam técnicas de metalurgia do bronze, bem como uma forma de escrita chamada *cuneiforme*. Sua maneira de se organizar socialmente acabou por influenciar muitos dos povos que os sucederam na região.

Ao contrário dos egípcios, que eram politicamente unificados, os sumérios organizavam-se em pequenas cidades independentes, formadas por um núcleo principal e por terras cultivadas ao redor. As principais eram Ur, Uruk e Lagash. Essas cidades viviam em constantes disputas pelo poder, o que as enfraquecia, favorecendo a invasão de muitos povos. Alguns desses povos se estabeleceram na região e chegaram, inclusive, a dominar os sumérios, absorvendo sua cultura e unificando o governo de suas cidades.

Babilônios

No início do segundo milênio a.C., a região da Mesopotâmia constituiu-se num grande e unificado império, que tinha como centro administrativo a cidade da Babilônia, situada nas margens do rio Eufrates.



O soberano mais destacado, e o principal responsável pela amplitude do chamado *Antigo Império da Babilônia*, foi Hamurábi (cerca de 1728-1686 a.C.). Em seu governo, foi elaborado um dos primeiros códigos de leis da Antiguidade, conhecido como *Código de Hamurábi*. Nele, além dos julgamentos do próprio rei, foram incluídas várias das tradições e dos valores da sociedade mesopotâmica. O Código de Hamurábi era muito diferente dos nossos atuais códigos de leis. Sua aplicação não era obrigatória pelos juízes; servia sobretudo para ilustrar os valores, a justiça e o poder do soberano (sobre o Código, ver também a seção *Leitura e debate*).

Após a morte de Hamurábi, a Mesopotâmia foi abalada por sucessivas invasões, até a chegada dos assírios.

O Código de Hamurábi

O Código de Hamurábi, um bloco de pedra com 2,25 metros de altura, encontra-se hoje no Museu do Louvre, em Paris. Dos muitos artigos de lei nele gravados, cerca de 250 já foram decifrados. Com isso, informações significativas sobre a sociedade mesopotâmica puderam ser reveladas.

Pelo texto do Código, ficamos sabendo que a punição a alguns delitos variava de acordo com a posição social tanto da vítima como do infrator. Em geral, no entanto, a justiça era aplicada pelo princípio do "olho por olho, dente por dente", ou seja, o castigo era equivalente à ofensa ou dano causado.

O Código tratava dos mais variados assuntos relativos à vida cotidiana. Abrangia, entre outros temas, a regulamentação e o exercício das profissões, fixando a remuneração dos trabalhadores, normas a respeito do casamento, da assistência às viúvas, aos órfãos, aos pobres etc.

Assírios

De origem semita, os assírios viviam do pastoreio e habitavam as margens do Tigre (ver mapa da página 25).

A partir do final do segundo milênio a.C., os assírios organizaram-se em uma sociedade altamente militarizada e expansionista. Realizaram diversas conquistas e estenderam seu domínio para além da Mesopotâmia, chegando ao Egito.

O centro administrativo do Império Assírio foi primeiramente a cidade de Assur e, logo depois, Nínive.

Os responsáveis por essa expansão foram Sargão II, Senaquerib e Assurbanipal.

Os assírios ficaram famosos pelos métodos extremamente cruéis de fazer a guerra. Um de seus reis, Assurbanipal, afirmou: "Por meio de batalhas e da carnificina, eu tomei a cidade. Passei pelas armas trezentos de seus guerreiros, atirei muitos ao fogo e fiz um grande número de prisioneiros vivos. De uns cortei as mãos, de outros o nariz e as orelhas e de muitos furei os olhos" (citado de: *A Mesopotâmia*. Biblioteca de História Universal Life. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, p. 55).

Com a morte de Assurbanipal o Império entrou em decadência e inúmeras revoltas dos povos dominados levaram os assírios à derrota em 612 a.C. Nesse ano, Nínive foi tomada por uma coalizão de medos e caldeus.

Caldeus

Povo semita que se estabeleceu na Mesopotâmia no início do primeiro milênio a.C., os caldeus foram os principais responsáveis pela derrota dos assírios e pela organização do *Novo Império Babilônico*, maior e mais poderoso do que o primeiro.

O soberano mais conhecido desse novo império foi Nabucodonosor, que governou por quase sessenta anos. Ele ornamentou seu palácio com terraços superpostos, coroados de jardins, chamados de *Jardins Suspensos da Babilônia*.

Durante o reinado de Nabucodonosor deu-se o *Cativeiro da Babilônia*, famoso episódio de escravização dos hebreus (sobre o assunto, ver o capítulo 5, item 2).

Pouco depois da morte de Nabucodonosor, o Novo Império Babilônico foi dominado, em 539 a.C., pelos persas.

3. A sociedade mesopotâmica

O principal aspecto que se pode apontar ao estudar os povos da Mesopotâmia refere-se exatamente às influências que cada uma das sociedades constituídas ou dominadas acabou exercendo umas sobre as outras. Dessa forma, por razões didáticas, costuma-se fazer o estudo das sociedades mesopotâmicas considerando-se os elementos comuns entre elas, os traços mais marcantes, que, de modo geral, podem caracterizá-las.

Política, economia e organização social

Embora fossem considerados representantes dos deuses e não divindades, como os faraós do Egito, os soberanos da Mesopotâmia também exerciam forte domínio sobre a sociedade.

Os impérios, em geral, organizaram-se em províncias, administradas por chefes locais ou por funcionários nomeados pelo soberano.

A agricultura era a principal atividade econômica na Mesopotâmia. O seu desenvolvimento, assim como no Egito, dependia da construção de canais e diques para o controle das águas. As terras pertenciam àqueles que representavam os deuses, mas seu cultivo era comunitário. Parte das colheitas devia obrigatoriamente ser entregue aos chefes ou funcionários como forma de pagamento pela exploração do solo.

O controle dos governantes sobre as atividades econômicas, no entanto, aconteceu de maneira mais branda do que no Egito, o que conferiu maior liberdade à iniciativa da população. Esse fato, aliado à privilegiada localização geográfica entre o Ocidente e o Oriente, pode explicar o grande desen-

volvimento econômico da Mesopotâmia. A agricultura era a base da economia, e a irrigação era essencial para o sucesso das colheitas. O comércio era muito desenvolvido, e as cidades eram centros de atividade econômica. A Mesopotâmia era um ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente, e isso favoreceu o desenvolvimento da civilização.

A sociedade mesopotâmica era baseada na propriedade privada da terra, e a agricultura era a principal atividade econômica. A Mesopotâmia era uma sociedade altamente militarizada e expansionista, e isso favoreceu o desenvolvimento da civilização. A Mesopotâmia era um ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente, e isso favoreceu o desenvolvimento da civilização.

A Mesopotâmia era uma sociedade altamente militarizada e expansionista, e isso favoreceu o desenvolvimento da civilização. A Mesopotâmia era um ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente, e isso favoreceu o desenvolvimento da civilização.

Nos períodos de guerra, a população era mobilizada para o combate, e a Mesopotâmia era um ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente, e isso favoreceu o desenvolvimento da civilização. A Mesopotâmia era um ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente, e isso favoreceu o desenvolvimento da civilização.

volvimento das atividades comerciais nessa região. No Império Assírio, por exemplo, dizia-se que em Nínive havia “mais mercadores que estrelas no céu”.

Como no Egito, a sociedade encontrava-se rigidamente dividida em camadas sociais. Governantes, sacerdotes, guerreiros e comerciantes estavam entre os grupos mais privilegiados. Camponeses livres, artesãos e escravos ficavam entre os mais oprimidos.

Inicialmente, os escravos eram pouco numerosos e a sua existência devia-se principalmente às dívidas. Com o tempo, o costume de transformar os prisioneiros de guerra em escravos fez aumentar o número de cativos na região.

A escrita cuneiforme

A escrita mesopotâmica, criada pelos sumérios, é conhecida como *cuneiforme* (do latim *cuneus* = cunha) justamente porque seus sinais, talhados em placas de argila, tinham a forma de pequenas cunhas.

Os caracteres eram muito diferentes dos hieróglifos egípcios, constituídos basicamente de desenhos semelhantes ao que se desejava representar. No início, os sinais cuneiformes também tinham esse formato, mas acabaram se transformando provavelmente por causa da intensificação das atividades comerciais.

A escrita cuneiforme compunha-se de cerca de 350 caracteres. Seu uso não se restringiu aos povos da Mesopotâmia. A localização geográfica e o conseqüente intercâmbio com populações vizinhas fizeram com que essa escrita fosse adotada por quase todos os povos da Ásia ocidental.

A religião

Na Mesopotâmia, assim como no Egito, a religião era politeísta. Muitos elementos da natureza eram considerados divinos, como a terra, os rios, o Sol e a Lua. Os povos mesopotâmicos também temiam entidades regidas por forças sobrenaturais, como os gênios protetores, os heróis e os demônios.

Nos primeiros tempos, cada cidade tinha seus deuses específicos. Quando uma unificação política ocorria, a cidade principal impunha suas divindades às outras. Durante o domínio da cidade da Babilônia, por exemplo, esta impôs o deus Marduk. Com a hegemonia dos assírios o culto a Assur foi difundido. Marduk, porém, recuperou sua primazia quando a cidade da Babilônia voltou a ter o controle do território, durante o Novo Império Babilônico.

Os deuses mesopotâmicos eram ao mesmo tempo entidades do bem e do mal. Exigentes e temíveis, adotavam represálias contra aqueles que não cumpriam suas obrigações. Essa crença originou, por exemplo, o mito do dilúvio, desencadeado pelos deuses para castigar os seres humanos.

Diferentemente dos egípcios, os mesopotâmios não chegaram a se preocupar com a vida além-túmulo. Acreditavam,

vagamente, que os mortos iam para junto de Nergal, deus do “reino de onde não se volta”, cujos domínios eram guardados pelos demônios causadores das doenças.

A crença na adivinhação

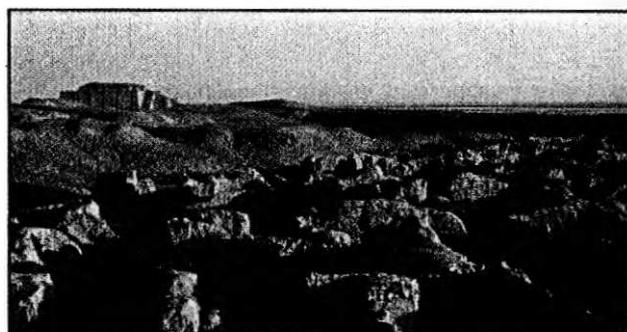
Os mesopotâmios devotavam grande consideração aos adivinhos, indivíduos a quem se atribuía a capacidade de descobrir a vontade dos deuses, por meio da interpretação dos sonhos, do vôo dos pássaros ou mesmo dos sinais encontrados no fígado e nas entranhas de animais sacrificados em louvor aos deuses.

O procedimento mais utilizado, no entanto, era a astrologia, conhecida por nós nos dias de hoje. De acordo com os mesopotâmios, seria possível antever o destino de uma pessoa pela análise da posição dos astros no céu no momento de seu nascimento.

Os palácios e os templos

Na Mesopotâmia, quase não existiam pedras. Artigo de luxo, elas eram usadas apenas em esculturas de soberanos e de deuses. Nas construções, no lugar da pedra, empregava-se o tijolo de barro. Mesmo os assírios, em cujo território havia abundância de pedras, preferiram empregar o tijolo, seguindo o costume da região. Por isso, praticamente nada restou de suas construções, destruídas pela ação do tempo. Em seu lugar, ficaram apenas os *tells*, montes de terra, que desde o século XIX vêm sendo escavados pelos arqueólogos.

Junto dos templos mais importantes, costumava-se levantar uma torre observatória retangular, composta por sete andares, denominada *zigurate*. Unidos por escadas ou rampas, cada andar era pintado de uma cor e dedicado a um dos sete planetas conhecidos pelos mesopotâmios.



Ruínas dos muros da antiga cidade de Ur, em primeiro plano, e zigurate, ao fundo, datados de cerca de 2100 a.C. O zigurate era uma espécie de santuário destinado a abrigar os deuses sumérios, quando estes desciam à Terra.

Templos e palácios eram construídos sobre terraços para evitar os-efeitos das inundações. Ocupavam grandes áreas e eram cercados de muros muito largos. Em seu interior distribuíam-se diversas salas e quartos, ligados por corredores, cujas paredes eram ornamentadas com baixos-relevos,

representando, particularmente, cenas de caça e de guerra. As portas eram guardadas por enormes estátuas de touros alados.

Os saberes

No campo das ciências, os mesopotâmios desenvolveram principalmente a astronomia e a matemática.

Na astronomia, associada nos primeiros tempos à astrologia, elaboraram cartas astronômicas, estudaram as diferenças entre estrelas e planetas e fixaram os doze signos do zodíaco. Os mesopotâmios criaram ainda o calendário lunar

de doze meses (seis de trinta dias, seis de 29), ao qual de tempos em tempos acrescentavam um mês extraordinário.

Na matemática, resolviam complexos problemas de geometria e aritmética e elaboraram o conceito de que um mesmo algarismo pode ter diferentes valores, conforme o lugar que ocupa no número.

A sociedade mesopotâmica exerceu grande influência sobre inúmeros povos. Entre suas contribuições mais significativas destacam-se: a semana de sete dias (cada dia dedicado a um dos cinco planetas conhecidos por eles, mais o Sol e a Lua), o estudo e a crença nos horóscopos, a divisão do dia em horas, minutos e segundos, a divisão do círculo em 360 graus e o processo da multiplicação.

ORGANIZANDO O ESTUDO

◆◆◆ Análise ◆◆◆

Desde o terceiro milênio a.C., nos vales dos rios Tigre e Eufrates, desenvolveram-se sociedades complexas, centralizadas e organizadas. Qual a explicação para a origem dessas sociedades?

Quais são as principais características das religiões dos povos mesopotâmicos?

Descreva os conhecimentos dos povos mesopotâmicos nas áreas da matemática, da astronomia e da escrita.

◆◆◆ Relacionando conteúdos ◆◆◆

4. Considerando a situação geográfica, compare o desenvolvimento das atividades comerciais no Egito e na Mesopotâmia

◆◆◆ Síntese ◆◆◆

5. Elabore um quadro cronológico apontando os principais acontecimentos históricos dos povos que dominaram a Mesopotâmia. Depois, escreva um texto comentando como devem ter sido as relações entre esses povos.

LEITURA E DEBATE

O Código de Hamurábi

Hamurábi, soberano do Antigo Império Babilônico, é conhecido pelo código que leva seu nome, um dos primeiros em todo o mundo. Muito diferente dos códigos de leis atuais, os juízes mesopotâmicos não eram obrigados a seguir seus artigos; sua principal função era mostrar a justiça e o poder do rei. Leia, a seguir, alguns dos artigos já decifrados.

Se um homem negligenciar a fortificação do seu dique, se ocorrer uma brecha e o cantão inundar-se, o homem será condenado a restituir o trigo destruído por sua falta. Se não puder restituí-lo, será vendido assim como seus bens, e as pessoas do cantão de onde a água arrebatou o trigo repartirão entre si o produto da venda.

Se um homem der a um jardineiro um campo para ser transformado em pomar, se o jardineiro plantar o pomar e dele cuidar durante quatro anos, no quinto ano o pomar será repartido igualmente entre o proprietário e o jardineiro; o proprietário poderá escolher a sua parte. (...)

Se um homem bater em seu pai, terá as mãos cortadas.

Se um homem furar o olho de um homem livre, ser-lhe-á furado um olho.

Se um médico tratar da ferida grave de outro homem com punção de bronze, e se ele morrer, terá as mãos de cepadas.

Se um construtor fizer para outro uma casa e não a fizer bastante sólida, se a casa cair, matando o dono, esse construtor é passível de morte. Se for o filho do dono quem morrer, o filho do construtor será morto.

(Adaptado de: Gaton Dez e A. Weiler. *Oriente e Ocidente*. São Paulo, Mestre Jou, 1964, p. 77)

Sobre o texto

1. A partir da leitura dessa fonte histórica, como você descreveria a sociedade governada por Hamurábi?
2. Que princípio norteava a justiça na época de Hamurábi?
3. O Código descreve punições que não existem nas leis vigentes atualmente em nosso país. Faça um texto comentando os princípios de justiça que norteiam a nossa sociedade atual. Quais as diferenças em relação ao Código de Hamurábi? Quais as semelhanças?

A terra
na, im
bitaram
Ser
sobrevi
rentes á
Est
lidos, hi
para cita

Os p
utores i
pério oc
486 a.C.
maltado

AS ÁGUAS VIVIFICANTES

A água, motivo de conflito há milhares de anos no Oriente Médio, pode vir para os povos da região como uma dádiva da paz.

Atualmente são quatro os motivos principais para a escassez de água na região: fenômenos naturais, o rápido crescimento populacional, a exploração predatória do meio ambiente e um mau planejamento. A natureza não abençoou o Oriente Médio com mananciais de água doce. O índice pluviométrico é baixo em comparação ao da Europa, as secas são frequentes e existem poucos rios. Segundo muitos cientistas, as secas se intensificarão no futuro próximo. O Volga e o Dnieper, o Danúbio e o Reno, não se falando do Mississípi e do Amazonas, ficam distantes — não só do ponto de vista geográfico, como também do simbólico. Nem o Nilo, o mais extenso rio do mundo, nem o Tigre e o Eufrates, as artérias que sustentam a vida no Oriente Médio, conseguem satisfazer as crescentes exigências da região. O mesmo se pode dizer, e até com mais segurança, em relação a rios menores, como o Orontes, o Jordão, o Yarmuk ou o Litani. Ou seja, o Oriente Médio carece de água devido a uma relativa exigüidade de fontes naturais. (...)

(...) No Egito, o problema da água assume especial seriedade. A represa de Assuã, construída na década de 50, visava a garantir um contínuo e amplo abastecimento de água, mesmo nos períodos de seca. No entanto, o nível da água vem baixando continuamente, devido a uma seca prolongada na Etiópia, a que se aliam a evaporação e o vazamento. A terra arável — já limitada devido ao clima do deserto — torna-se escassa numa época em que a população egípcia atingirá 70 milhões de habitantes. Há necessidade de deter de imediato essa lúgubre ameaça malthusiana. Temos de apressar o desenvolvimento de uma infra-estrutura industrial, de transporte e turística e adotar medidas em prol de uma agricultura mecanizada. Ao mesmo tempo, talvez sejam necessários projetos internacionais de desenvolvimento que aperfeiçoem o abastecimento de água do Nilo e introduzam métodos de conservação nos três países mais seriamente atingidos: Egito, Sudão e Etiópia.

Também a Síria tem uma população maior do que pode alimentar satisfatoriamente. Tal como o Egito, no passado era capaz de exportar alimentos, mas, em consequência do rápido crescimento populacional, foi obrigada a se tornar importadora. A Síria é o lado mais fraco do triângulo formado pela Turquia e pelo Iraque, na bacia do Tigre e do

Eufrates. Com a dissolução da União Soviética, antes a principal fonte de ajuda financeira a Damasco, a Síria ficou apartada do Ocidente. Nem mesmo sua participação na coalizão contra Saddam Hussein, em 1991, a projetou para o mundo ocidental. Anos sucessivos de seca na região, assim como a diminuição do fluxo de água no Tigre, provocada por obras de infra-estrutura na Turquia, torpedearam a política do presidente Hafiz al-Assad no tocante à água. Essa política propunha novas represas, inclusive uma para desviar o Tigre. Aliás, esta última pode reacender as tensões com o Iraque, que teme a impossibilidade de operar uma usina hidrelétrica num definhante rio Tigre, situação que culminaria em escassez de energia elétrica. (...)

Parafraseando Jean-Jacques Rousseau, poderíamos dizer que a água não "pertence" a nenhuma pessoa ou país, mas sim à humanidade. A água do Oriente Médio pertence à região e às suas áreas periféricas. Mais que qualquer outra questão, a escassez de água comprova a necessidade objetiva de se criar um sistema regional. Só com ele poderemos, todos nós, planejar e administrar as obras hidráulicas e distribuir a água segundo critérios de economia, de maneira honesta e eqüitativa.

Essa necessidade de definir uma política regional com relação à água tem duas origens: a escassez vem-se agravando e a doutrina que rege o acesso à água não questiona a soberania absoluta de cada país no tocante à bacia sob seu domínio. (...)

(...) Em 1987, no Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos, em Washington, a Turquia propôs a construção de um aqueduto, ou "duto da paz", para transportar o excesso de água de suas regiões mais úmidas para os países do Oriente Médio em que ela fosse escassa. O plano original compreendia dois dutos principais, um oriental e um ocidental, dos quais mais tarde partiriam ramais secundários. O duto oriental atravessaria a Síria, chegando até a Jordânia e a Arábia Saudita, e daí aos Emirados Árabes Unidos e Omã. O ocidental levaria água para a Síria, Israel, Cisjordânia e Jordânia, e daí para a Arábia Saudita. Os países árabes, contudo, se recusaram a incluir Israel no plano, argumentando que não era factível, pois o conflito palestino-israelense — que encerrava algumas implicações hidrológicas — não estava resolvido. A Turquia decidiu então começar com o conduto oriental, um projeto que ainda está longe da fase de conclusão.

Se a inexistência de paz entre Israel e seus vizinhos, sobretudo os palestinos, foi o que suspendeu o conduto ocidental, nesse caso o avanço no processo de paz também deve significar avanço no projeto de água, se ele se mostrar economicamente viável.

(PERES, Shimon. O novo Oriente Médio. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993.)

Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio
José Bronzeado Sobrinho
Disciplina: História
Professora: Maria do Carmo
Estagiária: Célia Maria de Lima Vitorio
Orientador: Alarcon Agra do O
Série: 1º ano Turno: manhã

Exercícios

1 – O mais antigo código de Leis escrito, cuja característica é a “pena de Talião”, isto é “olho por olho, dente por dente”, é chamado:

- a) () Código do Deuterônimo
- b) () Código de Hamurábi
- c) () Código Sumério
- d) () Leis Draconianas
- e) () Leis das Doze Tábuas

2 – As bases da cultura mesopotâmica foram lançadas pelos:

- a) () Fenícios
- b) () Cretenses
- c) () Hebreus
- d) () Sumérios
- e) () Iranianos

3 – Os assírios destacaram-se

- a) () pelas suas realizações científicas no campo da economia
- b) () pelo notável intercâmbio comercial realizado com os fenícios
- c) () pelo militarismo organizado e cruel
- d) () pela construção de tumbas monumentais para seus reis.

4 – A civilização mesopotâmica caracterizou-se, do ponto de vista histórico-universal, pela sua contribuição ao Direito, que teve seu principal codificador na figura de:

- a) () Assurbanipal
- b) () Sargão
- c) () Ramsés II

- d) () Hamurábi
- e) () Nabucodonosor

5 – Assinale a alternativa que contem a afirmação correta sobre as civilizações do Crescente Fértil

- a) () Os sumérios criaram o primeiro reino unificado mesopotâmico apoiados por uma casta de escribas
- b) () O surgimento do Estado egípcio ocorreu após a fase da guerra entre diversas cidades-estados independente.
- c) () A importância do comércio da civilização egípcia é explicada pelo seu relativo isolamento geográfico.
- d) () A maioria da população mesopotâmica estavam submetida a corvéia para os trabalhos de irrigação
- e) () a economia egípcia caracterizou-se pelo constante desenvolvimento técnico

6 – As civilizações egípcias e mesopotâmica eram marcada pela profunda religiosidade. Indique três elementos comuns à vida religiosa destes povos.

7 – Parte da geração da riqueza do Egito antigo estava ligado as enchentes do Rio Nilo. Que propiciava uma excelente agricultura na época da vazante. Todas essas que margeavam o rio eram:

- a) () divididas em pequenos lotes e vendidas aos camponeses;
- b) () de propriedade do estado;
- c) () cultivada pelos sacerdotes;
- d) () grandes propriedades pertencentes a nobreza egípcia;
- e) () formadas de pequenas propriedades pertencentes aos felás;

8 – Os povos da mesopotâmia nos deixou inúmeras contribuições. Relacione algumas e suas importância para o mundo atual.

9 – Por que a água era tão importante para as antigas civilizações?

10 – Na sua opinião a água está sendo bem ou mal utilizada? Justifique sua resposta.

11 – Os Estados Teocráticos da Mesopotâmia e o Egito evoluíram acumulando características, comuns e peculiaridades culturais. Os egípcios desenvolveram a prática de embalsamar o corpo humano porque?

- a) () se opunham ao politeísmo dominante na época
- b) () os seus deuses sempre prontos para castigar os pecadores, desencadearam o dilúvio
- c) () depois da morte a alma podia voltar ao corpo mumificado
- d) () construíram túmulos em forma de pirâmides trancados, erigidas para a eternidade
- e) () os camponeses constituíam categoria social inferior.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

- CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino
Como uma estratégia de política cultural.
In. MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa.
(org.) Currículo: questões atuais. Campinas,
SP: Papiros, 1997.pp 121
- MONTEIRO, Ana Maria. A pratica de ensino e a
produção de saberes na escola. In.
CANDAU, Vera Maria.(org.) Didática,
Currículos e saberes escolares. Rio de
Janeiro:DP&A, 2000. pp. 130 – 142 – 143.
- ALVES, Nilda & GARCIA, Regina Leite. Avaliação
da escola a cada dia. In. ALVES, Nilda &
GARCIA, Regina Leite.(orgs.) A invenção
da escola a cada dia. Rio de Janeiro DP & A,
2000.pp.10 – 168
- GARCIA, Regina Leite. A educação escolar na
virada do século. In.COSTA, Maria V. (org.)
Escola básica na virada do século: cultura,
política e currículo. São Paulo: Cortez,
1996.pp146 – 147 – 167
- GÔES, Moacurde. De pé no chão também se
aprende a ler.(1961 – 64). Uma escola
democrática – 2ª ed. São 1991.pp. 111 – 120.

SOUZA, Clariza Prado de. Avaliação do
Rendimento Escolar: sedimentação de
significado. In.
(org.) Avaliação do rendimento escolar.
Campinas, SP: Papiros, 1991. pp. 144.

RIBEIRO, Sergio Costa. A educação e inserção do
Brasil na modernidade. Cadernos de
pesquisas, São Paulo. Nº 8, 1993.

GADOTTI, Moacir. Uma só escola para todos
Caminhos da autonomia escolar. 2ª edição.
Petrópolis, R.J. Vozes, 1991. pp.24, 25, 61,
176, 177.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª ed. Rio
de Janeiro: Paz e Terra. 1996

PAÍN, Sara. Revista Nova Escola. A revista do
professor. Seção: Fala Mestre novembro de
2000. ano XV. Nº 137. pp. 17, 23, 25.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o
cotidiano das escolas nas lógicas das redes
cotidianas. Pp.19 – 20.

Como entender e
aplicar a NOVA LDB (Lei nº 9.394/96). São
Paulo: Pioneira,1997.